

Celebrar Abril: as histórias que ainda faltavam contar



REPORTAGEM

As memórias de um tempo sem liberdade
P4-7

O olhar dos alunos centrado na revolução
P8-9

VOX-POP
Cidadãos celebram Abril e reforçam a importância da democracia
P12



25 DE ABRIL

Na fresca manhã de Abril
Desço a rua lentamente;
O ar fino, primaveril;
O curso normal de gente.
O encontro duma pessoa
Que me diz, alvorada:
"Golpe de estado em Lisboa!
Pois inda não se sabe nada?
Há lá tropa em movimento...
E aqui, os bancos fecharam..."

A partir deste momento,
Meus sentidos se alertaram.
De súbito, é já geral
O ambiente de ansiedade;
Efervescência real
Se alastra pela cidade.
Ouço a rádio: - Diz que é certo.
Vem jornais a confirmá-lo...

Ainda não estou em mim!
Como é que, apenas num dia,
Se muda em cenário assim?!
Pura fantasmagoria!
Milagre que se abalança
A criar Fraternidade!
O fio duma esperança
Crescendo em realidade...
...E ante a certeza que ouvi
Nas vozes da multidão,
Um Poema canta e ri
Dentro do meu coração!

Alberto Barbosa (BEKA)
Publicado na Defesa de Espinho
a 4 de maio de 1974



feira semanal

— Factos e figuras da semana

25 DE ABRIL

4 a 7 | Espinhenses também viveram a revolução

Relatos da vida em tempo de ditadura e novas esperanças com a instalação da democracia

8 e 9 | A visão dos "netos" de abril

Alunos dos agrupamentos escolares de Espinho aceitaram o desafio de falar sobre o 25 de Abril e as suas consequências.

10 e 11 | O Meu 25 de Abril

Opinião de Ferreira de Campos

12 | VOX-POP: A Revolução, o que mudou e o que ficou por fazer

Os espinhenses partilham da opinião que a Revolução de Abril deve ser celebrada e aproveitada diariamente.

OPINIÃO

13 | Quando pouca gente é gente a mais

Opinião de Ricardo Fidalgo

DEFESA-ATAQUE

15 | Vólei de Praia. Pedrosa e Campos ainda sonham com Paris.

A dupla de vólei de praia ainda tem duas vias de apuramento para os Jogos Olímpicos de 2024 e Espinho pode ter um papel importante.

16 e 17 | Entrevista. "Não vale tudo para ganhar, a verdadeira vitória está no treino".

Hélder Marçal, antigo jogador da Académica e treinador das camadas jovens do SC Espinho

18 | Futebol. Nova derrapagem dos tigres

Derrota em Esmoriz é a segunda consecutiva e a quarta desde março, a contar para o Campeonato Sabseg.

18 | Futebol popular. Juventude da Estrada põe pressão nos Leões

Campeonato regressa depois definido o apuramento para as meias-finais da Taça Associação.

19 | Futsal feminino. Novasementemente GD/Cavalinho passou às meias-finais da Liga

Vitória robusta com o Sporting CP traz boas perspetivas para as antenses que vão jogar o primeiro jogo do play-off na Nave Municipal.

20 | Futsal Masculino. Novasementemente conseguiu a promoção e vai atrás do título de campeão.

OFF

23 | Banda de Música soprou as velas dos 185 anos

Aniversário foi comemorado com concerto na Igreja Matriz

ÚLTIMA

24 | Pilaretes na Praça do Mar aguardam por verba dos contratos interadministrativos

Reparação estava prevista para março, mas Junta de Freguesia aguarda verba de 65 mil euros para mais obras.

EDITORIAL

Nuno Oliveira

Celebrar com liberdade

Com pompa e circunstância, celebramos o número redondo de 50 anos do 25 de Abril. Em Espinho, à semelhança do resto do país, foram e continuarão a ser muitas as iniciativas dedicadas. E porque o número assim o exige, ousamos também fazer uma edição centrada nos espinhenses que estiveram mais ou menos ligados à famosa data de 1974. Histórias e testemunhos notáveis, de pessoas que lutaram e foram sempre contra um regime que teimou em perdurar pelo tempo. Registos que ficam gravados, também, para a história nas páginas deste jornal.

Enquanto preparávamos esta edição, tive a curiosidade de visitar o arquivo histórico da Defesa de Espinho. Já agora, disponível e acessível grátis para todos através do site da Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva, num trabalho exemplar de recolha e tratamento de dados sobre a imprensa local.

Para os que não se recordam ou não tiveram a oportunidade de ler a nossa edição dedicada ao aniversário dos 50 anos de elevação de Espinho a cidade, em 1974 o ano arrancou em Espinho com a "visita presidencial do Almirante Américo Tomás" a Paramos e depois a Anta, às instalações da Euroespuma. Nunes dos Santos, presidente do Município da altura, marcou presença no "jantar de homenagem ao Supremo Magistrado da Nação". No evento, Américo Tomás foi proclamado como "Primeiro Cidadão Honorário da Cidade de Espinho".

Factos históricos, reportados por este jornal que, apesar de tudo, tiveram de ser passados e aprovados pelo famoso lápis azul.

Em abril, a Defesa de Espinho avança na edição de dia 27, com uma pequena caixa na primeira página com o título "Movimento das Forças Armadas". A descrição é breve e, pela logística do fecho da edição na altura, não haveria mesmo tempo para mais. Só nos números seguintes é que a tal famosa liberdade se apodera e os textos sobre a revolução passam a ter um carácter muito mais informativo, com perspetivas diferentes.

Novos factos históricos que fazem também parte da Revolução e que, de uma maneira ou outra, deixam Espinho e os espinhenses como mais um cravo na pontinha da luta.



Novasementemente

A turma dos Altos Céus está duplamente de parabéns. No sector masculino, o GD Novasementemente alcançou o primeiro lugar na segunda divisão distrital de Aveiro, garantindo, assim, a subida de divisão. E para a semana pode haver (ainda) mais festa pois podem sagrar-se campeões. No feminino, as antenses venceram o Sporting CP e estão apuradas para as meias finais da Liga Placard.



Alcatrão

Um pouco por todas as freguesias, alguns dos buracos nas muitas vias esburacadas já foram remendados. Assumimos que a situação é um processo temporário, capaz de remediar os problemas atuais. Contudo, resta perceber se o remendo temporário vai virar, ou não, definitivo.



Floreiras

As floreiras colocadas nas principais vias da cidade, estão quase sempre sem manutenção. Para além dos roubos constantes de flores, as peças de mobiliário urbano não estão equipadas com sistema de rega. O que deviam ser apontamentos coloridos e floridos, são, regra geral, espaços apenas com terra.



SOLVERDE.PT
CASINO E APOSTAS DESPORTIVAS

**25 FREE SPINS
NO REGISTO**

100€ BÓNUS DE
BOAS-VINDAS
100% ATÉ 100€



**SÃO JOGOS
POR TODO
O LADO**

18+ JOGA POR DIVERSÃO, COM MODERAÇÃO.
TERMOS E CONDIÇÕES APLICÁVEIS





Reportagem
25 de abril

Enfrentar a ditadura e ver nascer um país novo

Completa-se meio século de liberdade e são ainda muitos os espinhenses que se lembram daquele que consideram como um dos dias mais felizes das suas vidas. Após anos de repressão e de privação de liberdade, foram vários os que se uniram e festejaram também em Espinho já no longínquo ano de 1974.

LISANDRA VALQUARESMA
MANUEL PROENÇA

HÁ PRECISAMENTE 50 anos, o país acordava para uma realidade desejada, mas, para muitos portugueses, inesperada. A revolução estava nas ruas e a surpresa deu lugar à alegria. É certo que em Espinho pouco ou nada se desenrolou nesse dia 25 de abril de 1974, mas são muitos os espinhenses que têm histórias e lembranças para partilhar, sobretudo de um caminho percorrido até ao grande dia.

Isaura Barge, hoje com 88 anos, encontrava-se em casa, onde mantinha o seu salão de cabeleireira, na rua 16, quando se deu a revolução. Admite que quase “não queria acreditar”, mas antes da confirmação pela rádio, Isaura já havia reparado em indícios que, desde logo, considerou estranhos.

“Estava a trabalhar no meu salão quando um tropa entrou para falar com uma senhora. Lembro-me que ela tinha um saco carregado de dinheiro e apercebi-me que havia qualquer coisa, mas só depois compreendi que ela ia fugir”, conta Isaura, revelando que, pouco tempo depois, “entra, aos gritos, outra senhora no salão a dizer que estava a haver uma revolução”.

Ligar de imediato a televisão foi a primeira reação. A música transmitida com a frase “pedimos desculpa pela interrupção” baralhou Isaura que, só pela rádio, percebeu o que se passava. “As pessoas começaram a ir para a rua. O meu marido também foi, mas como tinha os meus filhos fiquei em casa e chorei muito”, confidencia. “Uma senhora tinha-me oferecido uma estatueta do Salazar. Na altura guardei-a e vi logo que ela era PIDE. Então, naquele dia, lembrei-me da estatueta e fui buscá-la. Dei um martelinho a cada um dos meus filhos e, na banca da cozinha, partimos a estatueta aos bocados ao som da música que estava a dar”, recorda Isaura Barge.



Portugal era um atraso terrível, quer na liberdade das pessoas, no poder de compra, na organização das cidades ou até no acesso a bens de consumo”

NUNES DA SILVA

Numa fase de vida diferente, Nunes da Silva encontrava-se em idade escolar em 1974. Frequentava o Liceu, no antigo Colégio S. Luís, e completava o antigo sexto ano de escolaridade. Estava nas aulas quando a revolução se deu e recorda-se de ser tudo inesperado.

“Apareceu um familiar de um colega meu que era bem posicionado no regime anterior e as aulas foram interrompidas sem ninguém nos explicar porquê. Eu e uns colegas fomos embora e, ao passar pelo restaurante Manuel da Feira, percebemos que estava um rádio a tocar e decidimos parar. Lembro-me que tocava uma música e perguntámos o que estava a acontecer. Responderam-nos a dizer que não sabiam bem, mas que parecia que tinha havido qualquer coisa em Lisboa”, conta o antigo aluno e atual gerente da confeitaria Aipal.

Como “as notícias chegavam ao Norte mais tarde”, Nunes da Silva só soube depois a total realidade do que acontecia naquele dia. No entanto, recorda-se de um episódio em particular que já fazia antever a situação política do país. “Soubemos

que se tratava de um golpe. Decidi ir ter com o meu pai à padaria e, quando estava à porta, vi dobrar, onde era o antigo Café Moderno, aquilo que depois vim a saber que era uma manifestação do Partido Comunista Português (PCP). Aí senti uma intuição de que aquilo não iria ficar assim e que as coisas iam mexer muito”.

Se no Norte os acontecimentos chegavam de forma tardia, em Lisboa era o oposto. No dia 25 de abril de 1974, Manuela Aguiar encontrava-se precisamente na cidade onde tudo se passou. Tinha sido convidada para ser assistente da Universidade de Coimbra e, por isso, a 24 de abril tomava posse e ao fim do dia, regressou a Lisboa. Na época, o tempo era dividido entre Espinho, Coimbra e Lisboa.

A notícia da revolução chegou

bem cedo junto de Manuela Aguiar com o telefone a tocar às 7 horas da manhã. “Uma tia minha ligou-me a dizer que estava a haver uma revolução e, por isso, o melhor a fazer era ir ao supermercado a ver se ainda conseguia alguns abastecimentos e depois ficar por casa. Como eu vivia num prédio que, por baixo, tinha um supermercado foi muito fácil”, recorda, explicando, divertida, que “não era preciso nada daquilo, visto que as lojas não fecharam”.

A residir num apartamento em Benfica e, portanto, afastado do centro dos acontecimentos, Manuela seguiu o conselho familiar e ficou em casa a ouvir a rádio. “Passei o dia a fazer gravações, pois gostava muito daquelas músicas e ainda hoje tenho as cassetes que gravei naquele dia e também umas conversas engraçadíssimas entre militares”, recorda, admitindo que hoje sente arrependimento por ter estado em casa e ter “perdido uma oportunidade histórica”.

Horas depois, já ao serão, Manuela Aguiar continuava agarrada à televisão. “Lembro-me de aparecer a Junta de Salvação Nacional e o Spínola. Para mim, ele era um elemento tranquilizador e já defendia uma solução negociada, pacífica e diplomática para o problema colonial que, obviamente, não tinha outra solução. A minha geração era contra a guerra colonial. Era uma guerra injusta e, à partida, perdida”, refere.

O amor proibido de Marcelo e o terror da PIDE

Foi na guerra injusta que, à semelhança de milhares de portugueses, Jorge Carvalho participou. Encontrava-se em Moçambique precisamente quando se deu a revolução dos cravos, mas a notícia só chegou mais tarde. “Como tínhamos sabido do falhanço das Caldas da Rainha, estávamos sempre naquela expectativa de que um dia ia acontecer,

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024



descobrir coisas que até hoje considera impressionantes.

“O meu primeiro grande espanto foi encontrar um dossiê sobre o Marcelo Caetano. Achei muito curioso a PIDE investigar o primeiro-ministro”, começa por contar. De arquivo em arquivo, Jorge Carvalho descobriu que “não só investigava como dizia mal dele, sobretudo sobre o seu aspeto moral”, já que o político mantinha, alegadamente, um relacionamento amoroso à margem do casamento.

“Naquele dossiê havia uma fotografia dele com uma mulher, que eu não sabia quem era, mas que aparentemente seria amante dele, tal como correspondência que eles trocavam. Fiquei muito espantado. Se até o primeiro-ministro era vigiado, o que seria do resto da população”, lamenta.

No entanto, as descobertas mais graves e até macabras chegariam depois. “Os presos diziam que eram torturados numa cave, que eram pendurados em ganchos no teto e chicoteados. Decidi então ir à dita cave e levei um PIDE. Perguntei-lhe se era verdade que tinha havido tortura e ele disse que não e que até nunca tinha visto aquela cave”, começa por contar Jorge Carvalho que, desconfiado, mandou arrastar uns móveis que lá existiam.

“Quando tiraram os móveis do sítio, deparei-me com as paredes cheias de sangue. O PIDE fez-se de surpreendido e disse-me que nunca tinha visto aquilo. Os tais ganchos do teto onde eles penduravam as pessoas tinham sido cortados, mas aquilo era um cenário de horror”, recorda.

Para desenvolver o seu trabalho à frente da Comissão de Extinção da PIDE, foi nomeada uma secretária para datilografar os relatórios produzidos por Jorge Carvalho. No entanto, a secretária tinha sido, até à revolução, agente da PIDE, uma situação “caricata e incómoda”, como descreve o antigo combatente.

Concluído o trabalho, os relatórios foram encaixotados e enviados para Lisboa. Jorge Carvalho nunca soube o resultado da investigação

que produziu. Regressou a Portugal e viveu “uma alegria imensa”.

Na manhã de dia 25 de abril de 1974, Américo Castro, que era até então um dos elementos da Juventude Operária Católica (JOC) e antigo militante do PCP antes da revolução, preparava-se para ir trabalhar, na Granja, tal como era habitual. No entanto, nada naquele dia acabou por ser igual.

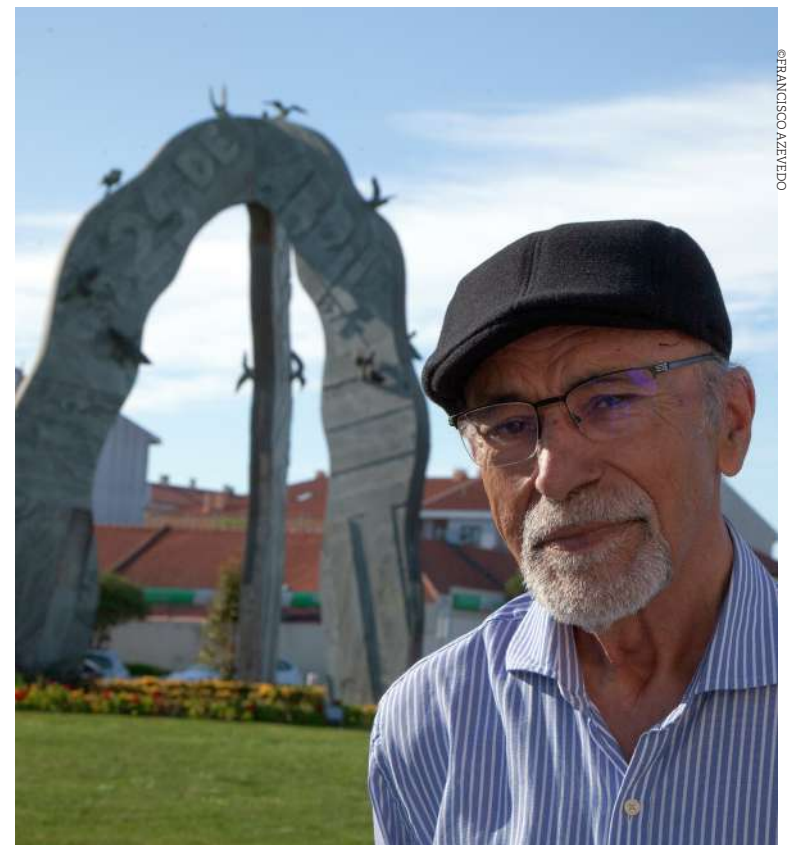
“Ouvi as notícias e foi uma felicidade enorme. Na empresa, tínhamos revolucionários que faziam parte da comissão de trabalhadores que não acreditavam. Mobilizámos o pessoal e declaramos feriado. Viemos todos para Espinho e fomos almoçar a um restaurante, próximo do local onde atualmente está o Baliza. Fizemos uma festa e foi uma grande alegria. Sabíamos pela televisão e pela rádio que as coisas estavam controladas”, recorda o ex-presidente da Junta de Freguesia de Paramos, atualmente com 74 anos.

Também António Teixeira Lopes, ex-militante do PCP e um dos espinhenses que trabalhou para a derrota do regime autoritário, recorda “com satisfação” as novidades daquele dia. “Tocaram à campainha às 7 da manhã. Devido às minhas ligações com o Partido Comunista, sabia que estava referenciado. Eu e a minha mulher eramos professores na Escola Preparatória Sá Couto e pensei que seria a PIDE, mas era o meu sogro que vinha acompanhado por Manuel Tinoco Faria, primo da minha mulher, e



A Juventude Operária Católica foi uma grande escola”

RUFINO CUNHA



por isso, quando soubemos houve alegria”, recorda o antigo vogal da CDU na Assembleia Municipal.

“Como era a defesa do império e como dizia o Salazar na altura, a Pátria não se discute, lá fui eu, como muito outros, mobilizado. Fomos obrigados a ir e sentíamos que aquela guerra não era a nossa, por isso, quando soubemos da revolução o sentimento geral era o de que a guerra tinha acabado”, explica Jorge Carvalho.

Apesar de tudo mudar a partir dali e do regresso a casa ser uma realidade, o antigo combatente deparou-se com uma nova missão. “Depois do 25 de abril, colocaram-me à frente da Comissão de Extinção da PIDE em Moçambique”, revela, explicando que por esse motivo só pisou solo português um ano depois da revolução.



O meu primeiro grande espanto foi encontrar um dossiê sobre o Marcelo Caetano. Achei muito curioso a PIDE investigar o primeiro-ministro”

JORGE CARVALHO

A função de Jorge Carvalho era, a partir dali, verificar os crimes cometidos pelos agentes da PIDE. Horas e horas debruçado sobre pilhas de papeis, numa era ainda sem computadores, levaram o antigo soldado a



25 FREE SPINS NO REGISTO

100€ BÓNUS DE BOAS-VINDAS 100% ATÉ 100€



SOLVERDE.PT
SÃO MUITOS ANOS



50

Reportagem
25 de abril

©FRANCISCO AZEVEDO

“

Começámos a sonhar que, mais tarde ou mais cedo, iria haver uma revolta militar, pois já tínhamos algumas informações”

AMÉRICO CASTRO

bro-me que ela ficava muito embaçada e não conseguia transmitir respostas claras”.

Reivindicativo, levava para a escola o jornal República. Ia “de forma discreta dando umas tacadas ao regime” e chegou a ser ameaçado e o pai chamado ao liceu. Em 1973, chegou a entrar num comboio em direção ao Porto para participar numa manifestação do 1º de maio, mas acabou barrado à saída da estação de S. Bento.

Descontente com a situação em que o país vivia, Américo Castro ingressou na JOC, “um organismo ligado à Igreja Católica que tinha o apoio do pároco da freguesia de Paramos”. Tratava-se de um grupo “restrito, com dez elementos” que promovia iniciativas na freguesia. Uma delas, destaca Américo Castro, esteve ligada a um inquérito produzido junto das famílias mais carenciadas.

“Cada um tinha a sua tarefa no âmbito político. Quando havia um movimento a nível nacional, criávamos os panfletos revolucionários. Tudo era feito na clandestinidade e pela madrugada, encobertos pela noite e quando todos dormiam, andávamos de porta em porta a tentar conquistar as pessoas para

a revolução e passarmos do Estado Novo para o Estado Democrático”, recorda.

Perante o trabalho que era então desenvolvido, “a JOC começou a ser conhecida e a ser vigiada por alguns informadores da PIDE de Paramos. Começaram a assustar-nos, dizendo para não fazermos determinadas coisas. Apesar disso, não nos intimidaram e continuámos as nossas ações”, diz, orgulhoso.

Convidados a sair e a trabalhar na clandestinidade

Ao pensar no passado, Américo Castro destaca “as últimas eleições do Estado Novo, decorridas a 8 de outubro de 1973 em que já concorria a Oposição Democrática”. Participou no momento como delegado pelos Democratas na única mesa de voto de Paramos, no edifício da antiga Junta de Freguesia. No entanto, tal como se esperava na época, o processo não decorreu com normalidade ou transparência.

“Comecei a ver muita marosca, ou seja, pessoas com quatro boletins de voto e lavrei o meu protesto. Entretanto, entrou o presidente da Junta de Freguesia, Augusto Gomes da Silva, que acabou por vir a ser um grande amigo. Chamou-me e disse que estava a ser controlado. Aconselhou-me a sair, pois de outra forma viria a PIDE para me levar. Disse que eu já não tinha condições para ali estar porque algumas pessoas tinham ido apresentar queixa de mim. Tive de abandonar a secção de voto”, confessa.

Antes do dia da eleição, Américo e os colegas já tinham distribuído panfletos. Faziam-no de madrugada, de porta em porta. “A informação era preparada pelo Rufino Cunha e por outros, como o Manuel da Areia, Artur Bártolo e Pereira da Silva. Reuníamos em Espinho, em Aveiro e na Gafanha da Nazaré”, revela.

Eram clandestinos, mas já muitos sabiam da sua existência. “Éramos novos e não tínhamos consciência do perigo que corríamos. Os avisos vinham de muitos lados, até da mercearia. No entanto, aquilo estava no nosso sangue e não conseguíamos parar de fazer aquelas ações. Está-

“

O meu pai foi preso, tal como muita gente de Espinho, por várias vezes. Esteve no Porto, em Lisboa, em Coimbra. Uma vez até foi levado no comboio dos cavalos”

ISAURA BARGE

que vinha dizer-me que havia uma revolução”, recorda.

A “dura” vida antes da revolução

“A vida antes do 25 de abril era muito má”, afirma Isaura Barge que passou a infância a ver o pai ser preso. A primeira memória remonta aos seus 4 anos de idade. “Arrombaram a minha porta, na rua 11, e entraram pela casa dentro. A minha mãe era muito doente e eu estava num quarto com mais três irmãs e um bebé. Recordo-me que a PIDE agarrou nele e atirou-o, fazendo com que ele fosse parar a outra cama”, conta, explicando que a PIDE procurava o pai, José Barge, sindicalista e trabalhador na Aipal.

“Fiquei assustadíssima, eles vieram com uns holofotes, mas o meu pai não estava em casa, por isso foram buscá-lo à Aipal. Foi preso, tal como muita gente de Espinho, por várias vezes. Esteve no Porto, em Lisboa, em Coimbra. Uma vez até foi levado no comboio dos cavalos”, conta a antiga cabeleireira.

Criada dentro da padaria, Isaura recorda-se que o dia começava sempre bem cedo. “Às 6 da manhã lá íamos nós ter com o meu pai para a minha mãe lhe levar a cafeteira de café. Um dia estávamos lá e começa a levantar-se um burburinho. A minha mãe ficou aflita e começou aos gritos, a perguntar pelo marido. Tinha vindo a ramona, o camião fechado da PIDE que vinha buscar as pessoas”, esclarece.

Como a mãe queria ver se o marido estava dentro do camião, Isaura teve que arranjar uma forma de ajudá-la. “Eles não queriam abrir as portas, mas o motorista acabou

por abrir para sair um homem. Decidi aproveitar aquela oportunidade e dei uma marretada com o meu tamanco no tornozelo do motorista. Ele ficou manco, começou a queixar-se e eu gritei para a minha mãe espreguiçar”, relata.

Mais tarde, já depois da revolução, Isaura Barge reencontrou o motorista e perguntou-lhe onde ele tinha arranjado a marca que trazia no tornozelo. Contou-lhe que tinha sido uma miúda e Isaura, sem rodeios, confessou: “essa miúda era eu”.

Quando pensa na vida em tempo de ditadura, Nunes da Silva rapidamente destaca a privação de liberdade. Aos 14 anos perguntou ao pai quem tinha mandado matar Hum-

berto Delgado, mas a resposta não foi a que pretendia. “Mandou-me calar e disse que não se podia falar sobre isso”.

Mais tarde, já no liceu, frequentava a disciplina Organização Política Administrativa da Nação que estudava a Constituição de 1933. Segundo Nunes da Silva “eram aulas que visavam defender o regime vigente”. Por não compreender que ninguém “pudesse falar ou dizer que não concordava”, o então aluno questionava frequentemente a professora. “Nessa Constituição havia um artigo que dizia que havia liberdade de expressão e de reunião e eu questionava a professora sobre onde estava essa liberdade. Lem-



©ISABEL FAUSTINO

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024



vamos à espera da revolução. Começámos a sonhar que, mais tarde ou mais cedo, iria haver uma revolta militar, pois já tínhamos algumas informações”, explica o antigo autarca paramense.

Em 1973, mais concretamente entre 4 e 8 de abril, realizou-se, em Aveiro, o Congresso da Oposição Democrática. A JOC fazia parte da organização e os seus elementos decidiram ir dormir na parte de trás do cemitério de Aveiro.

Segundo Américo Castro, “estava prevista uma romagem ao cemitério, à sepultura de Mário Sacramento. Estavam lá alguns militares que vieram a participar no 25 de abril e que auscultavam as pessoas se teriam, ou não, o apoio da população”, diz. No entanto, nem tudo correu dentro da expectativa.

“Fizemos a romagem e apareceram milhares de polícias. Os autocarros foram barrados e não deixaram as pessoas entrar em Aveiro. Levámos pancada e eu apanhei umas bastonadas nas costas”, confessa, explicando que houve a ajuda de muitos comerciantes. “As pessoas estavam cansadas do regime e os cafés e estabelecimentos abriram as portas para deixar entrar as pessoas que fugiam à polícia, mas algumas atiraram-se à rial! Tive a sorte de conseguir entrar num café e a minha irmã foi a última. A minha irmã safou-se porque lhe deitei a mão”, recorda.

Rufino Cunha, de 76 anos, foi outro dos vários elementos da JOC. Conta que foi o pároco de Paramos que, em 1962, convidou “um grupo de jovens para constituírem uma secção” que tinha como método Ver

“

A partir do momento em que aceitei ser militante do PCP empenhei-me em lutar para derrotar o fascismo”

TEIXEIRA LOPES

Julgar e Agir, o que considera ter sido “determinante para o conhecimento da realidade operária, da exploração, opressão e injustiças”.

A escola antifascista

Na visão do paramense, “a JOC foi uma grande escola” e recorda que “na madrugada do 25 de abril de 1974, a propaganda para a agitação do 1º de Maio foi separada por dois grandes grupos, tal como já era habitual naquela altura. No meu carro, na zona do golfe, separámos a que era para o grupo dos mais novos, entregue a um deles, destinada a Espinho e arredores e a restante ficou para distribuímos durante a noite e madrugada por Ovar, subirmos até S. João da Madeira e virmos descendo até concluirmos na Têxtil de Arcozelo”, recorda.

Feliz por ter nascido “numa família democrática e antifascista”, Teixeira Lopes recorda que em 1969 foi recrutado pelo PCP. Inicialmente viviam “na clandestinidade” e não sabiam o nome uns dos outros, algo que foi mudando.



“O organismo ligado ao PCP a que pertencia era constituído por vários militantes, sobretudo por professores. Cada um estava na sua escola e eu era o coordenador”, recorda o docente de educação física. Nesse tempo “havia reuniões clandestinas onde nos propúnhamos fazer coisas em função da capacidade que tínhamos”, conta.

“Eramos militantes do PCP e cada um de nós, junto das escolas, procurava persuadir as pessoas para as ideias sindicais. O Sindicato

de Professores foi proibido pelo ministro da época e, por isso, falávamos em Associação de Professores. O movimento foi assim que cresceu e tanto eu como a minha mulher, Saudade Teixeira Lopes, fazíamos parte da direção nacional”, revela o antigo docente, explicando que “as reuniões decorriam na Figueira da Foz e nas Caldas da Rainha”.

Apesar de viver em Espinho, Teixeira Lopes desenvolvia a sua atividade política no Porto, daí nunca se ter sentido ameaçado na cidade. “A partir do momento em que aceitei ser militante do PCP empenhei-me em lutar para derrotar o fascismo. Íamos a vários eventos organizados em Grijó, no Cantinho, para comemorar as várias datas festivas, como o 5 de outubro. A minha vida partidária só eu é que a conhecia”, garante.

Como vivia dividida entre Lisboa e Espinho, Manuela Aguiar trazia consigo curiosidades e histórias para partilhar. Tal como recorda, Espinho era, naquela altura, uma cidade de tertúlias. “Ainda está-

“

A minha geração era contra a guerra colonial. Era uma guerra injusta e, à partida, perdida”

MANUELA AGUIAR

vamos na época áurea de Espinho que, era também uma terra de vanguarda porque no Porto e por todo o lado, os cafés eram locais de homens, tal como as tabernas, mas por cá os homens e as mulheres estavam todos juntos”.

Segundo Manuela Aguiar, “era um tempo em que não se falava de outra coisa a não ser de política”. Explica que se vivia “um ambiente fervilhante e de grande entusiasmo”, embora sem as grandes manifestações da capital.

“Nós tínhamos vivido em ditadura, num tempo em que não se passava nada e, de repente, acontecia tudo. Parece que estávamos num filme”, descreve.

Balanco positivo

50 anos se passaram. Para Manuela Aguiar, “a sociedade portuguesa foi evoluindo”, sobretudo por considerar que Portugal era, até ao 25 de abril, “um país muito atrasado” e com “uma legislação no que respeita às mulheres absolutamente retrograda”.

Apesar de fazer “um balanço fortemente positivo”, a antiga Secretária de Estado do Trabalho, deixa um alerta: “neste 50º aniversário do 25 de abril estamos a ver o surgimento de correntes que defendem o modelo de família e o papel da mulher que é exatamente o papel das cavernas e isso tornou-se muito evidente a partir do Trumpismo, nos Estados Unidos”.

Para Jorge Carvalho “ainda bem que houve o 25 de abril”, mas o antigo vogal da Assembleia Municipal lamenta que “não se tenha alcançado os objetivos a que se propôs e que foram anunciados logo após o 25 de abril pelo Movimento das Forças Armadas”.

Nunes da Silva não esquece a realização de um Interrail em 1981. Recorda que passou pelos países baixos, pelos países nórdicos e por alguns da Europa central, sem esconder que sentiu “um choque tremendo”. Quando percebeu a realidade dos países que visitava compreendeu então que “Portugal era um atraso terrível, quer na liberdade das pessoas, no poder de compra, na organização das cidades ou até no acesso a bens de consumo”.

Após 50 anos, Américo Castro mostra-se “muito preocupado”, pois defende que “os valores da democracia estão em perigo”, uma sensação que é também partilhada por Teixeira Lopes. “Há indivíduos no poder que põem em causa toda a autoridade do Estado e que limitam os direitos individuais”. No entanto, garante que “ao fim de 50 anos, a revolução valeu a pena”, uma vez que “não há comparação possível ao passado”. •



50

Reportagem
O 25 de Abril aos olhos dos jovens

“O maior tesouro que o país conquistou em 1974 foi a liberdade”

São várias as histórias de quem viveu direta ou indiretamente a Revolução de 1974 e o que isso representou nos anos seguintes. 50 anos depois, é legítimo procurar saber se a juventude também está consciente daquilo que representa o 25 de Abril e os seus valores. As respostas, mais ou menos assertivas, foram dadas pelos alunos das escolas de Espinho.

GONÇALO RIBEIRO

Aqueles que viveram a Revolução de Abril e o período que a antecedeu, terão mais autoridade para falar sobre a sua importância e impacto. Não obstante, a chegada da democracia não surgiu com o objetivo de libertar, apenas, quem viveu durante a ditadura, mas também as gerações futuras.

Nessa medida, é interessante perceber o que é que Abril representa para os mais jovens, ou seja, qual é a perceção que as gerações, que viveram sempre em liberdade, têm daquele que foi um dos acontecimentos nacionais mais importantes do século XX. A Defesa de Espinho desafiou alunos dos agrupamentos de escolas Gomes de Almeida, do 4.º ano de escolaridade, e Manuel Laranjeira, do 8.º e 12.º, a explicar o significado da Revolução dos Cravos, no ano em que se comemoram 50 anos do fim da ditadura.

A renovação de um país preso e sem alegria

Já com mais ou menos habilidade para a escrita, os mais pequenos foram os primeiros a dar-nos as respostas. Para Eduarda Maganinho, do 4.º ano, da Escola Básica de Silvalde, o 25 de Abril é sinónimo de “liberdade, democracia e direitos”, enquanto, para a colega Natallye Gomes, a data simboliza “o Dia da



Liberdade de expressão”.

Já Bernardo Branco, da Escola Básica de Espinho n.º 2, considera que é “a data mais importante para Portugal e também um grande gesto dos portugueses” enquanto Beatriz Carrasquinho considera que a revolução significou “a renovação do país”, que estava “preso, sem alegria e sem democracia”.

Liberdade e democracia são as palavras mais associadas à Revolução, mas Maria João Begonha destaca três aspetos diferentes que, na sua opinião, evocam os valores de Abril. “Segurança, pois as pessoas deixaram de ter medo; Coragem porque se eu fosse um militar não teria coragem para a revolução (podendo ser presa) e genuinidade, pois foi uma maneira única de uma revolução”, indica a estudante da Escola Básica de Espinho n.º 2.

Outro aspeto importante da Revolução, para estes alunos, foi o fim da prisão política. Maria Leonor Cacheira, da Escola n.º 2, lembrou que “antigamente, uma simples conversa em grupo poderia significar ir para dentro de uma cela” e Beatriz Reis, da Escola Básica de Paramos, faz o contraste com os tempos atuais, referindo que atualmente “podemos discordar de algumas pessoas ou partidos políticos sem sermos presos”.



O toque feminino na Revolução

Com mais alguns anos de idade, mas com o mesmo apreço por Abril, está Diogo André. O aluno do 8.º ano da Manuel Laranjeira acha que a mudança de regime “de-

finiu a vida das gerações que presenciaram e das que se seguiram à Revolução”. Além disso, o aluno indica que o 25 de Abril representa “uma mudança de mentalidade, pois já não nos limitamos a seguir as ideias que eram impostas desde tenra idade”.

Maria Magueta, também do 8.º ano, assume uma postura refrescante perante a Revolução, admitindo “que não diz muito, porque não a viveu”. No entanto, a estudante da Manuel Laranjeira agradece o facto do 25 de Abril ter acontecido, comentando que “é por causa da Revolução que desfruto, hoje, da liberdade”. De forma igualmente refrescante, Mafalda Vígário, do 8.º ano, menciona que, no passado, “nunca tinha dado muita importância a esta data, talvez porque nunca me dediquei a entender o porquê de ser importante. Atualmente, posso dizer que tenho noção da importância e compreendo-a, mas não seria o tipo de coisa que tirasse uma tarde para pensar”, refletiu a jovem aluna.

A estudar no mesmo ano de escolaridade que Maria e Mafalda está Bárbara Oliveira, que olha para o 25 de Abril pelo prisma feminino. Além de ter ajudado Portugal a “abrir-se para a liberdade, democracia e para o mundo”, Abril foi fundamental para o país e para as mulheres, “porque trouxe a igualdade como seres humanos”. A colega Leticia Oliveira também evoca os direitos que as mulheres ganharam enquanto cidadãs, recordando que, entre outros benefícios, as mulheres conseguiram recuperar a “liberdade de expressão, opinião e voto”.

Para viver é preciso ser livre

A estudar no 12.º ano, Carolina Martins revela que sente a “necessidade de celebrar esta data, todos os anos, e de relembrar a luta incessante e a coragem do povo português durante todos os anos de ditadura e opressão”. Segundo a jovem, “o 25 de Abril trouxe oportunidades a essa geração e às seguintes, tal como liberdade de pensamento e permitiu que os portugueses vivessem da forma como bem entendem”.

A colega de ano de Carolina, Carlota Prats, valoriza as vantagens políticas que surgiram com a liberdade. Entre os benefícios que o processo revolucionário proporcionou, a aluna destaca o fim da guerra colonial, as primeiras eleições gerais livres, a consequente eleição da Assembleia Constituinte e a redação da Constituição portu-

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024

O símbolo da espingarda com o cravo representa, na perfeição, o equilíbrio presente na liberdade que o governo deveria oferecer e que esperemos que mantenha”

**MAFALDA VIGÁRIO,
ESCOLA MANUEL
LARANJEIRA**

guesa de 1976.

Na teoria, as respostas dos alunos mais velhos deveriam ser mais elaboradas e centradas em pontos que impliquem mais conhecimentos, provenientes de mais anos de estudo. Contudo, os mais novos mostram também uma capacidade diferente de interpretar dados e surgem com respostas curiosas. Gonçalo Ferreira, da Escola Básica de Paramos, é categórico quando questionado acerca das vantagens da Revolução e justifica. “O nível de vida das pessoas melhorou! Portugal ganhou a igualdade de direitos, as pessoas deixaram de ter medo de dar a sua opinião e passaram a andar livremente nas ruas. Passou a haver salário mínimo nacional. Todos os homens e mulheres podem votar a partir dos 18 anos”, revelou.

De forma menos categórica, mas igualmente afirmativa, Beatriz Carrasquinho opina que o fim da ditadura permitiu a Portugal ser “um país novo”, ganhando, entre outras coisas, “liberdade e desenvolvimento”.

Se existe algo que, independentemente do ano de escolaridade, é sempre associado ao 25 de Abril, é a liberdade. A julgar pelas respostas de quase todos alunos, é este, efetivamente, o maior valor que Portugal extraiu dessa data. De tal modo que, Francisca Ferreira, da Escola Básica de Espinho n.º 2, e o colega, Alexandre Carvalho, utilizam a mesma expressão, referindo que o “maior tesouro que o país conquistou em 1974 foi a liberdade”.

De volta à visão dos estudantes do 8.º ano, Letícia Oliveira opta por um exercício diferente para lembrar o que foi ganho com a Revolução, que foi “muito mais do que uma mudança política”. A estudante da Manuel Laranjeira recorda como era a vida em 24 de abril de 1974. “A liberdade estava completamente condicionada, não se podia pensar de forma diferente. Além disso, o bem-estar das pessoas não era tido em consideração, por isso, as condições de vida eram



miseráveis. Vivia-se um clima de angústia, incerteza e medo”, indica a jovem, que conclui dizendo que “isto não era viver, mas sobreviver, porque, para viver, é preciso ser livre”.

O Covid e a ausência de liberdade

Mafalda Vigário considera que a importância do 25 de Abril “nunca deve ser ignorada”, e refere que o acontecimento mostrou que “com coragem e união, o povo consegue alcançar os seus objetivos”. O que mais impressionou a estudante, foi “o facto deste movimento, que poderia ter sido algo bastante violento, ter sido tão suave e tranquilo. O símbolo da espingarda com o cravo representa, na perfeição, o equilíbrio presente na liberdade que o Governo deveria oferecer e que esperemos que mantenha. Esta data vai ser sempre lembrada para ilustrar o que a geração antiga sofreu e que os seus esforços para mudar não foram em vão”, adiantou a aluna.

De igual modo, Bárbara Oliveira considera que, atualmente, “damos muito valor à liberdade”, mas acredita que só quem viveu no tempo da Revolução é que “percebe o seu verdadeiro valor”. Para a jovem, “liberdade é um bem maior da essência humana, significa o direito de tomar decisões e agir de acordo com a nossa própria vontade e consciência, mas sem nunca prejudicar os outros”.

Se por um lado, Maria Magueta



Acho que não se dá valor à liberdade, porque é uma coisa tão natural como o ar, não se sente e nem damos por ele, mas sem ele não podemos viver”

**ORIANA GONÇALVES,
ESCOLA BÁSICA DE
SILVALDE**

concorda que os portugueses devem agradecer por “sentirem o doce sabor da liberdade”, Diogo André não acredita que se valorize este dia de forma justa. Para o aluno da Manuel Laranjeira, “consideramos o 25 de abril como um dia para não ir à escola, ou ao trabalho. Além disso, nem nos lembramos do papel importante que os nossos antepassados tiveram para garantir o nosso presente, não nos lembramos do esforço das pessoas que lutaram com a voz, com o corpo, e principalmente com a alma, para termos o que temos hoje”. Deste modo, Diogo considera importante “olhar o futuro, sem esquecer os alicerces construídos no passado e celebrar diariamente todos aqueles que ajudaram a construir o nosso presente”.

Tanto Carlota Prats como a sua irmã, Carolina, convergem na ideia de que a liberdade só é verdadeiramente valorizada quando se perde. Carlota argumenta que a liberdade

foi “certamente valorizada por quem passou pelo tempo ditatorial” e faz um paralelismo com os tempos recentes de combate à pandemia COVID-19, uma altura que a aluna considera que “todos valorizavam a liberdade, vendo-a como imprescindível para a vida”.

Por sua vez, Carolina até considera que as pessoas gostam de colocar em prática a liberdade, mas só a valorizam verdadeiramente “quando, por qualquer motivo, estão em risco de a perder”. Carolina Martins revela alguma “tristeza” em relação ao valor que se atribui a Abril. “Sinto que o meu país está a voltar ao passado e, sem dar conta disso, está a auto-destruir-se e cair, novamente, na armadilha de que se livrou há meio século”, desabafou.

Carolina acha que “Portugal se esqueceu muito rapidamente de tudo aquilo por que passou” e, por isso, deixa um repto à franja mais nova da população. “A nossa missão enquanto jovens é celebrar e relembrar os esforços e a coragem de todos aqueles que, ao longo de vários anos lutaram para garantir que tivéssemos um futuro risonho pela frente”, manifestou.

Com um ponto de vista original, Oriana Gonçalves, que frequenta o 4.º ano na Escola Básica de Silvalde, faz um paralelismo filosófico com a ciência para quantificar o valor dado pelo povo à liberdade. “Acho que não se dá valor à liberdade, porque é uma coisa tão natural como o ar, não se sente e nem

damos por ele, mas sem ele não podemos viver. Com a liberdade é igual, não a vemos, nem a sentimos, mas sem ela não podemos viver”, elaborou.

A manifestar uma opinião diferente, Ema Rosado, da Escola Básica de Espinho, considera que “algumas pessoas valorizam a liberdade e outras nem tanto”. A aluna do 4.º conclui dizendo que “quem não valoriza a liberdade vota em partidos que não valorizam os direitos das pessoas”.

Apesar de todos estes jovens estarem distantes de Abril de 1974 a nível temporal, o respeito e os valores da Revolução aparenta estar presente na mente de todos, algo que se reflete na diferença de pontos de vista. •

OS AGRUPAMENTOS IRÃO REALIZAR AS SEGUINTES INICIATIVAS PARA CELEBRAR O 25 DE ABRIL:

AGRUPAMENTO MANUEL LARANJEIRA

Até 10 de maio: Exposição “Olhares da imprensa”, Escola Manuel Laranjeira

Até 10 de maio: Exposição “Obreiros da Revolução”, Escola Manuel Laranjeira

Até 26 de abril: “Vestir Abril”, passagem de modelos, Escola Manuel Laranjeira

26 de abril: Concerto “A cantiga é uma arma”, Centro Multimeios de Espinho

26 de abril: Concerto “A canção é uma arma”, Centro Multimeios de Espinho

De 26 a 29 de abril: “Pintar Abril”, realização de painéis de azulejo em todas as escolas do agrupamento

29 de abril: Palestra “A Revolução e o processo revolucionário”, Auditório Maria Ricardo

Até 30 de abril: “Ler Abril”, leitura de obras alusivas ao 25 de Abril, Bibliotecas escolares

Até 30 de abril: Exposição temática “5 décadas de democracia: o que mudou?”, Bibliotecas escolares das escolas Manuel Laranjeira, Sá Couto e de Guetim.

AGRUPAMENTO GOMES DE ALMEIDA

30 de abril: Dramatização da obra “O Tesouro” para alunos do 3º e 4º ano na EB de Silvalde

30 de abril: Hora do conto alusiva ao 25 De Abril de 1974 na EB de Paramos e EB de Espinho n.º 2



opinião
Ferreira de
Campos

O Meu 25 de Abril

Na manhã do dia 25 de abril de 1974, quando tomei conhecimento de que estava em curso uma revolução para derubar a ditadura do chamado Estado Novo, tinha feito há poucos dias 42 anos. Acompanhado da Dulce, fomos para o nosso escritório do Porto, para o encerrar e dispensar do trabalho nesse dia a nossa empregada. Dirigimo-nos à Avenida dos Aliados onde encontrámos um tanque militar com soldados serenamente nos respetivos lugares, sem oposição de ninguém. A primeira e corajosa manifestação de regozijo foi-nos dada por um pequeno grupo de pessoas descendo a Avenida, desfaldando bandeiras do Partido Comunista Português. Uma sensação de atrevimento e de coragem e de não total aprovação que esse espetáculo me proporcionou, levou-me a concluir, mais tarde, que também eu próprio, apesar de acérrimo opositor à Ditadura, ainda não estava nesse dia preparado de todo para receber e entender a liberdade que a revolução nos estava a restituir e por que tanto lutara.

Só ficámos descansados quando, já noite fora, o locutor Fialho Gouveia apresentou na televisão os elementos da Junta de Salvação Nacional saída do triunfante movimento militar revolucionário.

Desde menino que, em Espinho, onde nasci, me tornei, pelo exemplo de meu saudoso Pai e mais tarde por convicção e princípio de vida, um acérrimo opositor da Ditadura. Meu Pai que para poder iniciar a sua carreira de funcionário público na Câmara de Espinho, foi obrigado a assinar uma vergonhosa declaração anticomunista para a exercer.

Bem cedo tomei conhecimento do tratamento que Salazar dispensava a todos aqueles que se atreviam a pública, ou mesmo secretamente, opor-se à sua ditadura, com uma vigilância e férrea e impiedosa repressão a qualquer tipo de manifestação livre de ideias contrárias às do seu opressor regime. Foram seus instrumentos privilegiados a polícia política do regime, a impiedosa

PIDE e a censura prévia a todas as publicações públicas, nomeadamente à dos jornais, que só podiam ser distribuídos depois de obterem a indispensável chancela “Visado pela Comissão de Censura”. A repressão da PIDE ia desde arbitrarias prisões e deportação, chegando às torturas, à morte e mesmo ao assassinio dos que implacavelmente perseguia. Liberdade de expressão, de reunião de imprensa e de criação de outros partidos e de eleições universais, livres, plurais e por voto secreto eram impiedosamente proibidas. Era o tempo em que a ordem oficial se manifestava pelas palavras “Tudo pela Nação! Nada contra a Nação!”. E “Quem manda? Salazar! Salazar! Salazar!”. E “Quem vive? Portugal! Portugal! Portugal!”.

O primeiro grande choque da repressão da PIDE tive-o com o assassinio do conhecido médico de Nogueira da Regedoura, comunista convicto e grande amigo da minha família, Dr. Carlos Ferreira Soares. A roupa que vestia quando o assassinaram e com os buracos bem visíveis dos tiros que o atingiram foi religiosamente guardada por minha Mãe. E meu Pai teve a coragem de assinar a sua certidão de óbito com a expressão “morte violenta com arma de fogo” como causa da sua morte.

Certo dia regresssei a casa, como aluno da 3ª Classe da então Escola Primária da Feira e comuniquei a meu Pai com inocente satisfação alguns nomes de grandes portugueses da História de Portugal que o meu professor Sr. Boavida me ensinara, entre eles o de António de Oliveira Salazar. Ao ouvir-me, meu Pai fulminou-me com olhar severo e ensinou-me assim: “Ó rapaz, olha que Salazar pode ser um homem grande, mas grande homem é que não é”, sábia frase que nunca mais esqueci e de que sempre me lembro nos dias de hoje quando oiço ou leio o nome de grandes homens da nossa história ou do nosso presente.

Quando estudava na Faculdade de Direito de Coimbra militei no ano de 1955, como opositor à ditadura de Salazar, no MUD Juvenil, ignorando então que essa organização era um produto e uma extensão do Partido Comunista Português. Fazíamos

"Bem cedo tomei conhecimento do tratamento que Salazar dispensava a todos aqueles que se atreviam a pública, ou mesmo secretamente, opor-se à sua ditadura"

reuniões secretas numa célula presidida pelo José Augusto Seabra que futuramente foi deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República, Ministro da Educação do IX Governo Constitucional do chamado Bloco Central e Embaixador de Portugal na UNESCO.

A nossa mais visível acção foi a pichagem nocturna das paredes do então Estádio do Calhabé, futuro Estádio Municipal, então ainda em fase de acabamento, frases garrafais contra a Guerra Colonial, frases que no dia seguinte tive a alegria de ler à luz do dia quando fui ver um jogo da Académica de Coimbra.

Essa minha intensa actividade política nesse ano letivo valeu-me três dias de prisão nas cadeias da PIDE, primeiro na sede do Porto, na então denominada Rua do Heroísmo, por ter sido detido em Gaia, na morada de meus Pais onde me refugiara, na esperança de, longe de Coimbra, não ser abrangido pela série de companheiros que via aí estarem a ser sucessivamente presos, e depois em Coimbra, para onde fui transferido, na prisão da sua sede da Rua de Antero de Quental, dirigida então pelo temível e odiado Inspetor Sachetti. E, mais importante, valeu-me um inevitável chumbo no exame final - então de todas as cadeiras numa só manhã ou numa só tarde - com um injusto prejuízo financeiro para o meu Pai que tantos sacrifícios fazia para dar um curso académico a cada um dos seus filhos.

Já com o curso de Direito e exercendo já a minha profissão de advogado, e já casado, fui escolhido em 1969 pela CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) para, sentado numa cadeira e bem visível no palco, representar a geração dos mais novos no comício político que se realizou na sala do então Cinema de S. Pedro, vigiado evidentemente pela PIDE, manhosamente consentido por Marcelo Caetano, num simulacro de vida democrática.

Nas eleições para a Assembleia Nacional que se lhe seguiram, fui também o fiscal - não havia ninguém mais para fiscalizar - dessa força partidária na mesa eleitoral que houve no átrio da Câmara Municipal de Espinho e nessa qualidade assisti de pé, pois não me foi dado sequer um banco para me sentar, a toda a farsa eleitoral que lá se realizou, parte de igual farsa de uma eleição geral de apenas 1,8 milhões de recenseados, num universo de 9,5 milhões de portugueses. O Presidente da Mesa, cujo nome me dispense de aqui lembrar, teve o cuidado de antes de começar a votação me mostrar descaradamente a urna vazia. Seguiu-se pelo dia fora a votação à qual compareceram quase apenas funcionários públicos, a maior parte deles com receio de perderem o emprego se não fossem votar. E no fim fui impedido de assistir à contagem dos votos pois o dito presidente e os seus secretários com toda a tranquilidade e des-

caramento levaram com eles a urna para o primeiro andar da Câmara para os contar. O resultado a seguir comunicado foi, como era de esperar, o de 88% dos votos ... a mesma percentagem, afinal, que obteve PUTIN, o ditador Russo, nas eleições presidenciais de 2024 da Federação Russa.

Após o 25 de Abril não foi fácil a minha opção política, dada a diversidade de partidos que tinha à minha escolha. Eu e a Dulce estivemos com Mário Soares e Sá Carneiro no grandioso comício do Estádio das Antas onde ouvimos da boca de Mário Soares a corajosa e célebre frase “Eles são como Tigres de Papel”. “Eles” eram os que tentavam instaurar antes das eleições uma ditadura de sentido contrário à do anterior regime. Com o mesmo propósito, eu e a Dulce percorremos nessa altura muitas vezes as ruas do Porto, em acção conjunta do PPD e do PS, gritando para os que nos olhavam das janelas à nossa passagem: “Amigo, anda, não fiques à varanda”.

Graças à Liberdade que me foi concedida pelo 25 de Abril, assisti a sessões de esclarecimento e a comícios do CDS, do então PPD e do PS. No dia 25 de Abril de 1975, votei livremente e por voto secreto no então PPD nas eleições para a

"A repressão da PIDE ia desde arbitrarias prisões e deportação, chegando às torturas, à morte e mesmo ao assassinio dos que implacavelmente perseguia."

Assembleia Constituinte e no dia seguinte apresentei-me voluntariamente na sua sede para me inscrever naquele que sempre foi o meu partido, do qual, todavia, algumas vezes discordei e discordo e do qual fui várias vezes presidente da sua comissão política concelhia.

E foi em sua representação, já denominado PSD, que fui eleito durante muitos anos membro da Assembleia Municipal de Espinho e seu Presidente, e, nesta qualidade, não só com os votos do meu partido, sendo para mim muito gratificantes ecos que me chegaram de que nessa qualidade fui sempre considerado um Presidente competente, correcto, respeitador e democraticamente tolerante para com todos os seus membros.

Nessa mesma qualidade fui durante quase oito anos, primeiro em regime

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024



CORREIO DO LEITOR

"O dia 25 Abril de 1974 foi um dos dias mais felizes da minha vida, só comparável ao dia em que conclui a minha licenciatura em Direito, ao dia do meu casamento e ao dia em que nasceram os meus filhos e os meus netos."

de substituição e por último como efetivo, deputado à Assembleia da República, só não completando os oito anos por despeito, misturado com alguma ingratidão, de alguma pseudo-elite bem pensante de Espinho que nesse tempo nunca trouxe qualquer vitória política local ao PSD. Fica assim esclarecido que não benefício do subsídio vitalício que nessa altura era atribuído aos deputados que completassem oito anos de exercício seguido ou intermitente.

Na Política nunca tive inimigos, mas sim adversários. De alguns sou sincero amigo e de outros admiro-lhes a sinceridade com que defendem ideias diferentes das minhas e a competência e brilho com que desempenham em Espinho as suas atividades, no domínio do livre jornalismo, da música, da literatura e do teatro. E tenho a certeza que eles acreditam na sinceridade com que o digo.

E foi em completa liberdade de associação que fui, juntamente com espinhenses de ideias e credos diferentes dos meus, fundador e seu Presidente do Lions Clube de Espinho e fundador e seu primeiro Presidente da Liga dos Amigos do Hospital de Espinho, associando-me também livremente à Associação dos Antigos Alunos das Escolas da Feira e da Tourada e à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto. Por direito próprio me associei também à Liga dos Combatentes, pelo serviço militar que prestei em Goa.

Das fragilidades da democracia tenho sempre presente a sábia lição do grande estadista que foi Winston Churchill: "A DEMOCRACIA É A PIOR FORMA DE GOVERNO, À EXCEÇÃO DE TODAS AS OUTRAS QUE TÊM SIDO TENTADAS DE QUANDO EM VEZ".

E embora se diga que o excesso de humildade pode ser vaidade, compreendem assim que possa humildemente pensar que ao longo da minha vida tenha sido um democrata.

Humildade que se baseia na plena consciência de, afinal, não passar de um minúsculo ser, num mundo que, segundo os últimos dados da ciência que conheço,

nunca se saberá verdadeiramente quando e como começou, mas que se sabe seguramente que nunca vai acabar.

Na política internacional sou um incondicional opositor à bárbara invasão da Ucrânia pela Rússia do ditador Vladimir Putin, cujas tropas a estão impunemente a destruir, na sua terra e nas suas gentes, não aceitando como justificações próximas ou longínquas quaisquer razões de natureza étnica ou mesmo histórica.

Na guerra de Gaza, não aceito, condeno e revolta-me a inqualificável, horrível, desumana e desproporcional reacção da ingrata Israel que, esquecendo o seu passado, em nós ainda bem presente, retalia contra o massacre de 7 de outubro com igual massacre dos dois milhões de palestinianos que se acantonam nessa minúscula faixa de terra, que destroem desumanamente à bomba, deslocando, matando pelas armas e pela fome, para já, mais de 30 mil palestinianos, homens, mulheres e sobretudo crianças, não esquecendo os palestinianos que, a pouco e pouco, vão tentando matar e desalojar das suas terras da Cisjordânia por meio da acção de colonos israelitas ortodoxos. E tudo isso com a já não disfarçada mão dos EUA que lhes fornecem as armas e os meios necessários para atingir tais fins.

Tal como na Segunda Guerra Mundial de 1939/1945, embora ainda menino, já compreendi muito claramente que o lado bom era o dos povos, França, Inglaterra, União Soviética e EUA que, ou invadidos ou atacados, se bateram pelas armas e pelas armas derrotaram a Fascista Itália de Mussolini, a Nazi Alemanha de Hitler ou o imperialismo expansionista Japonês.

Por tudo o que acabo de afirmar, compreendem que diga e pense que o dia 25 Abril de 1974 foi um dos dias mais felizes da minha vida, só comparável ao dia em que conclui a minha licenciatura em Direito, ao dia do meu casamento e ao dia em que nasceram os meus filhos e os meus netos.

E também por isso conclua que estou eternamente grato aos corajosos militares que planearam e venceram a revolução que nesse dia maravilhoso derrubou a Ditadura e restituiu aos Portugueses a liberdade de que hoje desfrutam, apesar das desigualdades que entre nós ainda subsistem, mas que me permite, sem medo, livremente fazer este depoimento.

É a modesta homenagem que deste modo lhes posso prestar! ●

Valeu a pena?...

Há 50 anos, o Mundo era bem diferente, dividido que estava por várias correntes ideológicas, dois grandes blocos militares e onde proliferavam regimes ditatoriais, como o que existia em Portugal. Diferente ainda, porque não existiam as facilidades de comunicação que, felizmente, hoje existem. Os países viviam assim fundamentalmente voltados para o seu interior, dispunham de economias mais fechadas, praticavam um apertado controle nas suas relações internacionais e exerciam uma forte intervenção burocrática/intimidatória na transposição física das suas fronteiras. Vivia-se ainda, com o pesadelo constante de um conflito nuclear entre as grandes potências militares. E, em Portugal, vivia-se sob forte repressão imposta pelo regime de Salazar/Caetano. Foi, pois, neste contexto que se deu a revolução de Abril, promovida por um grupo de corajosos militares e que contou de imediato com forte apoio popular.

Abriu-se naquele dia, a expectativa na realização de todas as utopias e necessidades abafadas/reprimidas em 48 anos de brutal ditadura, agravados nos seus últimos 13, pela participação de várias gerações de jovens numa guerra injusta contra os povos das ex-Colónias Africanas.

Mas, como em todas as transformações forçadas das sociedades, esta, também provocou alguns contrastes e sobressaltos. Viveu-se o "PREC" a uma velocidade e intensidade sofreguedora. Anunciaram-se ventos de mudança em direcção ao progresso e bem-estar. Gritava-se por tudo e por nada... Já! E, exprimia-se também algum ódio – normalmente ao vazio! e temia-se com a possibilidade de "uma chuva como em Santiago, no Chile", embora a esperança, essa, nunca se quedava e qualquer pedaço de papel, parede, manifestação de rua, canção, ou um qualquer gesto de ternura, serviam para manifestar opinião e partilhar cumplicidades, seguindo sempre em frente.

Hoje, decorridos já 50 anos, não fará muito sentido, a não ser como factos históricos, falar da crueldade do anterior regime, da PIDE/

DGS, da obrigatoriedade em participar numa guerra injusta, das privações mais elementares das pessoas, agravadas e muito para com as mulheres, etc., etc... será, no entanto, e talvez por isso, altura para se fazer um balanço sobre o futuro prometido há 50 anos atrás pelos vários partidos e políticos emergentes após Abril, porque esse futuro – será bom lembrar – hoje, já é passado.

Vivemos agora, um período conturbado da nossa política, resultado e consequência das práticas políticas dos nossos governos, e que giraram sempre entre os dois maiores partidos nacionais. É inquestionavelmente verdade que se vive hoje muito melhor do que há 50 anos, mas se olharmos para trás, verificamos que muito ficou ainda por fazer, por ex: no acesso aos serviços de saúde, habitação, no acesso e no direito à justiça, na oportunidade de usufruir de trabalho digno e compensador, no combate à pobreza, etc., etc.. Estes, são factos que só podem provocar uma grande inquietação/frustração para todos aqueles que, como eu, proclamaram Abril com elemento fundamental a um rumo de progresso e bem-estar. Muitas vezes, demasiadas vezes, a classe política que emergiu pós-Abril, não soube honrar, bem pelo contrário, os mais altos valores da República: servir a comunidade com o maior respeito pela coisa pública, respeitando a liberdade e igualdade a que todos têm direito. A corrupção e os corruptos, com que regularmente nos confrontamos, são um verdadeiro cancro da nossa democracia e tem ramificações, sobretudo, nos chamados partidos do arco da governação que, cada vez mais, se confundem com os do arco da corrupção. A profissionalização dos políticos e o financiamento partidário, está certamente na origem destes fenómenos e que importa pôr cobro.

Assim, comemorar hoje o 25 de Abril de 1974, mais do que participar em nostálgicas realizações, deveria passar forçosamente pela nossa capacidade em dar o salto em frente e corrigir muitos dos erros cometidos, nem que para isso, se tenham de "inventar novos políticos".

...valeu pois. 25 de Abril, sempre!

• Carlos Silva



VOX-POP
É do nosso mar

A Revolução, o que mudou e o que ficou por fazer

Existe alguma deceção com os tempos atuais. Mas é unânime a opinião de que se evoluiu para melhor e de que é importante que os jovens conheçam o passado. Os espinhenses partilham da opinião que a Revolução de Abril deve ser celebrada e aproveitada diariamente.

NUNO PIMENTA



1. Afinal, o que se passou a 25 de Abril de 1974?

2. Passados 50 anos, ainda faz sentido comemorar a Revolução?



Eduardo Faria
Espinho

1 - Eu era estudante em Luanda. Foi uma surpresa enorme. Não tinha grande informação, não sabia nada de política e foi muito difícil perceber o que acontecia. Mas tinha a noção, através das conversas que tinha, de que a grande maioria dos jovens era a favor da independência de Angola.

2 - Faz sentido comemorar a Revolução. Eu sabia a miséria que isto era. Os meus pais foram para África por isso e os meus tios, em 1963, foram para França na procura de uma vida melhor. Em 1973, em África, tinha melhor vida do que a que teria tido aqui. É preciso dar a conhecer aos jovens essa realidade, porque, estes, não a viveram. ●



João Freitas
Espinho

1 - Sei e vivi bastante isso. Encontrava-me na tropa, em Santa Margarida. Às 8 da noite de 24 de abril, fomos anunciados que já não iríamos para o Ultramar. O nosso comandante era salazarista e, como era um batalhão que estava na máxima força, fomos desmobilizados. Estivemos sem contato rádio até ao meio do dia de 25 de abril, que foi quando saímos do quartel. Só quando cheguei a Espinho é que percebi o que se estava a passar. Passados 10 dias fui mobilizado para a Guiné. Estive lá 4 meses. Quando chegamos a Bissau já não nos foi entregue armamento. E convivíamos com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Foi uma grande transformação, de um momento para o outro.

2 - Por um lado acho que sim. Por outro lado, não me reconheço nalgumas das opções que estão a ser feitas. Valorizo muito o rigor e a disciplina. Não tenho nada contra o 25 de Abril, foi bom, mas não foi explorado naquilo que tem a ver com o respeito, educação e princípios. Vou ser sincero, eu era anti-salazarista, até porque eu e os meus irmãos fomos para a guerra mas hoje, se o Salazar voltasse, não sei, acho que não era mau. ●



Joaquim Neves
Espinho

1 - Estava em Angola a cumprir o serviço militar. Quando ouvimos as notícias, fiquei contente porque pensei que íamos embora. Mas ainda fiquei mais um ano. Regressei no dia 9 de abril de 1975.

2 - Sim, sempre. Principalmente, pela liberdade. Antigamente, quando andava a estudar e estava com os amigos no café, havia sempre alguém que dizia “Cuidado, está aí alguém da PIDE”. Não se podiam fazer ajuntamentos. As coisas não estão como gostaríamos, mas estão muito melhores do que há 50 anos atrás. Antes, andávamos amarrados. Em Angola, as coisas eram melhores, havia coisas que não existiam aqui. ●



Olívia Borges
Espinho

1 - Foi muito bom e uma alegria. Na altura estava em Lisboa e fui comemorar para a Avenida da República e para o Marquês de Pombal. Havia uma alegria genuína. A melhor coisa foi obter a liberdade. Podemos dizer o que nos vai na alma.

2 - Na minha opinião, faz sentido comemorar para que os jovens

saibam como os tempos de antigamente eram difíceis. Existe uma interligação entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro. As datas deviam ser celebradas juntas, porque para a instauração do regime atual os dois movimentos foram fundamentais. ●



Herculano Sá
Espinho

1 - No dia, fomos abordados pelo meu patrão a dizer que estava a decorrer um golpe de Estado. Na altura, não percebia nada. Ainda hoje, poucas pessoas sabem quais foram os objetivos da Revolução. Ainda assim considero que o 25 de Abril foi positivo. A vida melhorou bastante, sei as dificuldades que passei quando era criança e adolescente, mas ainda falta muito por fazer. Há muitas injustiças.

2 - Para mim não. Não vou comemorar, nem ir para a rua. Eu vivo o meu dia-a-dia. ●

Coluna dos Cravos Encarnados

Agradecimento ao Mundo do Jornalismo

1974 – Coluna Militar partiu de Santarém.
2024 – Coluna dos Cravos homenageia o Bem.

Cada Jornal um Cravo significa.
Poema – para Ramo da Liberdade publica.
Um Laço para os Cravos juntar.
Capitães de Abril homenagear.
A Flor Revolucionária oferece.
A História do 25 de Abril agradece.
Agradecimento a Todos que participam.
Coluna dos Cravos para Recordação realizam.
Um Histórico Ramo – Lusitana Nação.
Que Deus proteja Corajoso Coração.”

Carta-Poema destinada ao Mundo das Homenagens

Venerado Mundo das Homenagens,
Da Ditadura ao Cravo Encarnado.
50 Anos –
Acontecimento que é homenageado.
Dirigida às Palavras de Louvores –
Do Minho à Madeira até aos Açores.
Do País aos Continentes.
No Mundo Gloriosas Chamas luzentes.

Quem um dia a Injustiça viu –
A Consciência com Coragem decidiu.
Com Coluna Militar a Ditadura “acabar”.
Hoje –
Com Coluna dos Cravos os Heróis homenagear.
Projetos de História e Poesia elaborados.
Modestamente Simbólicos Cravos apresentados.
Aos Capitães de Abril Glorioso Louvor oferecer:
Um Cravo Encarnado -
A Conquistada Liberdade.
O Mundo jamais vai esquecer.
A Lisboa Coluna dos Cravos chegar

E a Liberdade a Recordação festejar.

• *Isalita Pereira*



opinião
Ricardo Fidalgo
Músico

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024



Quando pouca gente é gente a mais

Não gosto de Tripas à Moda do Porto. Mas o encanto com que aquele indivíduo as vende é absolutamente irresistível – “as nossas tripinhas são de sabor verdadeiro, não há aqui nada sem qualidade para camuflar, como fazem por aí (...) é o melhor prato da casa!”. Resistência quebrada, venha daí uma dose de Tripas, mas... sem tripas.

Mais ou menos de dois em dois meses, estamos ali, na mesma mesa, sabemos a ementa de cor, sabemos os diálogos de cor. E ainda assim, sabe tão bem ir a Chaves. Culpa, talvez, dessa previsibilidade, mas mais ainda da forma genuína e hospitaleira com que nos recebem há quase 10 anos. Fica difícil dizer que não.

As Tripas (mesmo sem tripas) são, de facto, um absoluto espanto, embaladas pelo sabor inconfundível das iguarias transmontanas. E

pelo tinto da casa. De repente, já nenhum de nós se lembra do frio que (também há quase 10 anos) vem do ar condicionado.

Olhamos para o lado e a televisão repete uma reportagem que já víramos, de relance e sem grande atenção, na noite anterior. Está sem som, mas as legendas permitem-nos apanhar o contexto: fala-se de e com artistas estrangeiros que escolheram pequenas aldeias portuguesas para viver, alguns na reforma, outros ainda a criar. Quase todos para lá dos 70, a julgar pela aparência.

As paisagens idílicas do interior do país são parte da justificação para esta escolha. Paisagens que, diga-se, têm muito em comum com algumas das que facilmente encontramos nestas viagens de trabalho até Chaves. Um dos imigrantes, pintor, chama-me particularmente a atenção: diz-se perfeitamente realizado com a mudança para Portugal (não me recordo exactamente para que localidade mas para o caso pouco importa), não só pela beleza do sítio que encontrou para viver e trabalhar, mas também pelas gentes locais, que... não lhe passam cartão! Isso mesmo: ao contrário dos outros entrevistados, perfeitamente integrados nas respectivas comunidades, o sujeito em questão não procura vida social, interações ou, sequer, simpatia. Talvez porque

já teve tudo isto em quantidades que lhe sobram, agora dá-se por feliz que a vizinhança o trate como “aquele tipo estranho que pinta uns quadros” e que não insista em aproximar-se. Não só escolheu um sítio com pouca gente, como mesmo essa pouca gente aparenta ser para ele gente a mais.

São tantas e tão boas as surpresas que quem nos rodeia pode trazer quando estamos abertos a ouvir, a agradar e a ser agradados.

Damos por nós a reflectir, ali à mesa, mas também depois, durante a tarde, quando oferecemos aos corpos pálidos umas horas deste magnífico sol de Abril. Quantas vezes nos forçamos a interagir com os outros, inclusive em dias ou fases de menor vontade, para pôr um “visto” nos indicadores de dinâmica social? E quantas actividades “inventamos” para não nos sobrar tempo para pensar nas grandes questões ou nos pequenos problemas? Quantas vezes as

duas coisas em simultâneo: interagir com os outros em inúmeras actividades?

Estou certo de que até os mais sociais (temo que não seja propriamente o meu caso) têm dias em que preferiam não parar para falar com aquele vizinho simpático ou ouvir as coscuvilhices da ordem quando se sentam no café ou fazer conversa fiada na pausa matinal lá no trabalho. Dias em que faziam cara feia aos telefonemas dos amigos mais proativos. Dias em que o mundo se calava e os deixava só ser. No extremo, dias em que pegavam nas trouxas e se mudavam para uma aldeia no meio do nada, quase sem acenar a quem passa. Enquanto bronzeamos a pele, nas margens verdejantes de uma barragem deserta, o silêncio é tão grande que, por instantes, apenas ao som do zumbir das abelhas e do coaxar das rãs, entendo ao longe a realização daquele pintor anti-social.

Concluo porém que, embora aprecie sobremaneira ter momentos comigo mesmo e com a Natureza, principalmente pela ausência dos estímulos sem fim que nos preenchem o dia-a-dia, continuo a precisar dos outros e do que me dão. Dos que me fazem rir até não poder mais, dos que me fazem pensar, dos que amo, dos que nem conheço mas enchem a sala do restaurante de comentários cer-

teiros, observações absurdas ou recordações difíceis de acreditar.

Muitas vezes teria de dar a vida (próspera em dá-las, bem sei) para que, daqui a 20 anos, quisesse estar isolado de tudo. Certamente não a pintar quadros – desenho pior do que o meu sobrinho de 8 anos e, até, do que a minha sobrinha de 4 – mas, por exemplo, a fazer música. É provável que vá ter momentos em que isso me apetece, mas espero que contrabalançados por outros, em que a ligação às pessoas continue a fazer sentido. Para já, dedico-me a cultivar esse equilíbrio. São tantas e tão boas as surpresas que quem nos rodeia pode trazer quando estamos abertos a ouvir, a agradar e a ser agradados: vejam só as “tripinhas” do Miguel, imperdíveis até para os casmurros que juravam não lhes querer tocar. ●


Anuncie
NA DEFESA
DESPINHO

CONSULTE AS
CONDIÇÕES
+351 227 341 525

Novas competências
regueiras do conce


Clínica Pacheco
DR. JORGE PACHECO

Clínica Dentária de Reabilitação Oral

IMPLANTOLOGIA (ALL ON 4) · CIRURGIA ORAL · ESTÉTICA DENTÁRIA
REABILITAÇÃO ORAL · ORTODONTIA (TB INVISALIGN)

EDP | SAMS | SAMS Quadros | Saúde Prime Victoria Seguros
| Future | Healthcare | Salvador Caetano

 Rua 8, n.º 381 Espinho  227 342 718 / 929 074 937
 clinicajorgepacheco@net.novis.pt

APARTAMENTOS T0, T1, T2 e T3.
Totalmente equipados, com TV Cabo mais Sport TV, telefone, garagens, limpezas. Rua 62, n.º 156. Tlf. 227310851/2 - Fax 227310853

QUARTOS, c/ casa de banho privativa, c/ cozinha, pequeno-almoço, tratamento de roupa, garagem e TV Cabo mais Sport TV. Tlf. 227340002 ou 227348972

Trespassa-se

MONCAFÉ
RUA 18, ÂNGULO DA RUA 37

BOM PREÇO

TELEM: 914 869 166



Necrologia

† **JOSÉ FERNANDO OLIVEIRA DUARTE**
AGRADECIMENTO E MISSA DE 7.º DIA



Rua da Guimbra - Anta-Espinho

Sua esposa, filhos, neta e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas, que tomaram parte no funeral do seu ente querido ou que de outro modo se associaram à sua dor. A missa de 7.º dia será celebrada sexta-feira, dia 26 de Abril, pelas 19 horas na Igreja Paroquial de Anta. A família desde já agradece.

Anta, 25 de abril de 2024

Agência Funerária Maria de Lourdes, Lda. ANTA – ESPINHO Tel. 227340609 – 966225173

† **JOAQUIM MÁRIO ALVES LEITE**
AGRADECIMENTO



Sua esposa, filhos, noras, netos e restante família vêm agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido e na missa de 7.º dia ou que de outro modo manifestaram pesar.

Espinho, 25 de abril de 2024

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496

† **ANTÓNIO PINHEIRO DA COSTA**
AGRADECIMENTO



A família vem agradecer às pessoas que se dignaram a tomar parte no funeral do seu ente querido e na missa de 7.º dia ou que de outro modo manifestaram pesar.

Espinho, 25 de abril de 2024

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496



Delmary Emerenciana da Silva Neves
13-7-1929 · 29-4-2020

Quatro anos após a sua partida, Filhos, Netos e Bisnetos evocam a sua memória e confirmam a sua presença saudosa.

Fun.ª N.ª S.ª D'Ajuda – Sancebas – Rua 20 n.º 918 Espinho – Servilusa [Tlf. 227345129 - 917738092]

† **JOAQUIM GOMES DA ROCHA**
MISSA DE 2.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO



Sua filha, genro e netos vêm comunicar às pessoas de suas relações e amizade, que será celebrada missa por alma do seu ente querido, dia 30, terça-feira pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho. Desde já agradecemos a todos quantos participem na Eucaristia.

Espinho, 25 de abril de 2024

Carol Gomes Loureiro
Nuno Anselmo Sousa Loureiro
Ruben Gomes Loureiro
Rodrigo Gomes Loureiro

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496

† **JOÃO ALVES RIBEIRO**
MISSA DE 5.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO



Sua esposa, genro, netos, bisnetos e restante família vêm comunicar às pessoas de suas relações e amizade que será celebrada missa por alma do seu ente querido, sábado, dia 27, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho. Desde já agradecemos a todos quantos participem na Eucaristia.

Espinho, 25 de abril de 2024

Agência Fun.ª Nova Esperança (Luís Alves) – Rua 31, N. 445 Espinho Tlm. 914 249 496

† **MARIA DA SAUDADE DE SÁ ROSAS**
AGRADECIMENTO E MISSA DE 7.º DIA



Rua da Divisão - Anta-Espinho

Sua filha, genro e demais família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas, que tomaram parte no funeral da sua ente querida ou que de outro modo se associaram à sua dor. A missa de 7.º dia será celebrada terça-feira, dia 30 de Abril, pelas 19 horas na Igreja Paroquial de Anta. A família desde já agradece.

Anta, 25 de abril de 2024

Agência Funerária Maria de Lourdes, Lda. ANTA – ESPINHO Tel. 227340609 – 966225173

Firma comercial sediada em Espinho

PRECISA

COLABORADOR/A PARA ARMAZÉM,
Com carta de condução.

Resposta para Apartado 37 / 4501-908 Espinho

CLÍNICA MÉDICA
DR. JOAQUIM MENDES & FILHA, LDA

CONTINUA EM ATIVIDADE NA RUA 14, N.º 448
E EM EXPANSÃO DO SEU CORPO CLÍNICO

FAZEM-SE DOMICÍLIOS TLF. 227 341710 - TLM 939 449 380

FARMÁCIAS Serviço de turnos do concelho de Espinho ☀️ 9 às 24 horas 🌙 Após as 24 horas o atendimento é efetuado, exclusivamente, através da LINHA 1400		
quinta 25	Farmácia Paiva Rua 19, n.º 319 - Espinho	227 340 250
sexta 26	Farmácia Higiene Rua 19, n.º 395 - Espinho	227 340 320
sábado 27	Grande Farmácia Rua 8, n.º 1025 - Espinho	227 340 092
domingo 28	Farmácia Conceição Rua S. Tiago, n.º 701 - Silválde	227 311 482
segunda 29	Farmácia Mais Rua 19, n.º 1412 - Anta	227 341 409
terça 30	Farmácia Machado Av.ª Central Sul, 1275 – Paramos	227 346 388
quarta 1	Farmácia de Anta Rua Tuna Musical, 907 - Anta	227 341 109

Anuncie
NA DEFESA

CONSULTE A NOSSA TABELA DE PUBLICIDADE E AS CONDIÇÕES ESPECIAIS QUE LHE PROPOMOS

+351 227 341 525



Defesa-Ataque

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024

**ENTREVISTA.**

"A carreira foi muito gratificante, embora sempre desejemos mais"

Hélder Marçal, antigo jogador de vólei da Académica e atual treinador da formação no SC Espinho. p16 e 17

Futebol popular.

"A equipa está sempre motivada para o jogo seguinte"

João Mendes, treinador da Juventude da Estrada que está nas meias-finais da Taça Associação. p18

Futsal.

A festa foi boa, mas pode ser melhor

GD Novasemente garantiu a promoção e quer despedir-se da 2.ª divisão distrital como campeão. p20

Tentar Paris com Los Angeles no horizonte

VOLEIBOL DE PRAIA.

O sonho de participar nos Jogos Olímpicos de Paris está vivo para João Pedrosa e Hugo Campos, a dupla de vólei de praia portuguesa mais mediática da atualidade. E se 2024 não for possível, o espinhense revela que o verdadeiro objetivo é chegar a Los Angeles em 2028.

GONÇALO RIBEIRO

JÁ NÃO FALTA muito tempo para a realização dos Jogos Olímpicos de Paris, mas ainda existem muitos atletas com esperança de apuramento nas diferentes modalidades, entre eles, a dupla de voleibol de praia composta por Hugo Campos e o espinhense João Pedrosa.

Neste momento, falta a realização de três torneios para finalizar a fase de qualificação, que começou em janeiro de 2023 e irá terminar no próximo mês de junho. Matematicamente, o sonho olímpico ainda está vivo, mas implicará a obtenção de "três grandes resultados", segundo João Pedrosa. Nesta fase, apuraram-se as 17 melhores duplas, sendo que há um pormenor que pode ajudar a portuguesa: o facto de só se poderem apurar duas equipas por país.

Espinho poderá ser importante

De momento, Pedrosa e Campos estão em 32.º lugar do ranking, razoavelmente perto dos melhores 25. O próximo torneio que irão disputar, e que terá importância na qualificação, é o Beach Pro Tour Challenge de Xiamen, na China, que começa dia 25 de abril e termina no domingo, dia 28. Além desta prova, de 22 a 26 de maio, a dupla irá participar na Beach Pro Tour Elite16, em Espinho. A última etapa relativa a esta qualificação irá realizar-se na Polónia, no



Challenge de Espinho poderá ser decisivo para Pedrosa e Campos no apuramento para os Jogos Olímpicos.

início de junho.

Ainda existe uma forma alternativa de apuramento, sem ser pelo ranking, existindo um torneio continental próprio para garantir mais uma vaga. Na semana anterior ao torneio espinhense, Pedrosa e Campos vão disputar essa competição na Turquia, em que a equipa que conseguir ficar em primeiro lugar, num grupo de cinco equipas, irá disputar uma última fase, disputada na Letónia no fim de junho, em que apenas o vencedor conseguirá garantir o bilhete para Paris.

"Existem três níveis de competições, como a Elite disputada em Espinho, o Challenge, um meio termo onde não jogam as duplas do top 8, e os Futures, em que se amealham muito poucos pontos para o ranking olímpico", indicou João, que aproveitou para clarificar que "um 5.º lugar em Xiamen seria um bom resultado". Na prova espinhense, "um 9.º lugar já seria muito bom". Relativamente a expectativas, João Pedrosa assume que "estão altas", algo que vem à boleia de um resultado recente. "Estamos com bons

níveis de confiança, acabámos de conseguir passar uma qualificação no México e não vejo razão para que não possamos repetir a dose na China", expressou.

Para a dupla chegar à ronda principal no certame chinês, será necessário ultrapassar uma fase prévia de eliminatórias. O atleta assume que a abordagem entre jogar numa fase de grupos ou num duelo de "mata-mata" acaba por ser "instintivamente diferente, porque nas eliminatórias é preciso dar 300% para não ser afastado da prova. Na pool

tentamos dar 300% na mesma, mas sabemos que temos uma segunda oportunidade. Acabamos por ir mais relaxados, mas não devemos". Apesar da moral estar em alta, a dupla está consciente de que uma eliminação precoce em Xiamen pode acontecer, o que seria um duro golpe no sonho olímpico, "porque o nível no vólei de praia é muito competitivo, parece a Premier League, em que, muitas vezes, a equipa pior classificada vence a melhor".

Teremos sempre Los Angeles

De qualquer forma, a dupla não irá colocar muita pressão na obtenção de resultados, porque "irão aparecer outras oportunidades", mas também porque Paris nunca foi um objetivo, mas sim Los Angeles, onde se irão realizar os Jogos Olímpicos de 2028. A hipótese de participar no torneio olímpico deste ano surgiu paulatinamente, que ganhou mais força depois da dupla ter vencido uma etapa do Challenge em Edmonton, no Canadá. Foi nessa altura em que algo que não era um objetivo se tornou num sonho. "Se não nos classificarmos este ano, não há razão para ficar cabisbaixo, porque vamos ter mais uma oportunidade para o fazer. O facto de estarmos perto em 2024 já é um grande indicador". Assim sendo, mesmo que Paris não seja um objetivo claro, a conquista de uma etapa, à semelhança do que aconteceu no Canadá, é a principal meta ambicionada por Pedrosa e Campos em 2024. •



Estamos com bons níveis de confiança, acabámos de conseguir passar uma qualificação no México e não vejo razão para que não possamos repetir a dose na China"

João Pedrosa



“As derrotas ajudaram-me a crescer”

Enquanto jogador de voleibol, Hélder Marçal teve um percurso marcado por várias épocas com ligação à AA Espinho. Depois de uma pausa de quatro anos no percurso enquanto treinador de formação, regressa ao ativo para orientar os escalões de formação do SC Espinho.



©SABIEL FAUSTINHO

GONÇALO RIBEIRO

Como começou a jogar vólei?

Por desafio de amigos de rua. Estava na AA Espinho como ginasta desde os três anos e, aos 13, passei para o voleibol a título experimental. Acabei por ficar porque os amigos convenceram-me e porque gostei do desporto. O meu pai foi jogador de hóquei e os meus dois irmãos também.

Essa escolha por uma rota diferente foi bem recebida pela família?

O meu pai sempre defendeu que devíamos praticar desporto, nunca nos incitou a praticar um em específico. É óbvio que havia influência do hóquei, tanto que cheguei a patinar e treinar, mas não era aquilo que queria. Os meus irmãos metiam-se comigo porque, naquela altura, há quase 40 anos, o voleibol era mais considerado um jogo para raparigas do que para rapazes. Havia sempre uma brincadeira para tentar convencer-me a ir para o hóquei, mas não me conseguiram dar a volta. Os meus pais sempre aceitaram que praticasse voleibol pois só queriam que fizesse desporto.

Vem de uma família de academistas?

Sim, quase todos. Contudo, o meu avô paterno, Marçal de Oliveira, foi presidente do SC Espinho, por isso também há uma costela do clube. Vivíamos muito mais perto da Académica do que do SC Espinho e os desportos que eram praticados num dos clubes, no caso, a Académica, não eram praticados no outro. Como o caso do hóquei, que não havia no SC Espinho, o que levou o meu pai a optar pela Académica. Além disso,

muito amigos de infância, como o Vitó ou o Padrão, que fizeram parte da história dos dois clubes, praticavam todos os desportos.

Em minha casa nunca se viveu aquela rivalidade dos clubes num mesmo desporto, como viria a acontecer no voleibol, anos mais tarde.

Com que idade é que se estreia na equipa principal da Académica?

Com 18 anos, fiz parte do grupo de trabalho que venceu o único campeonato nacional do clube de seniores masculinos, mas nunca joguei, por isso não sou campeão nacional.

Na altura, o meu treinador na equipa de juniores era o adjunto dos seniores, o professor Francisco Fidalgo, um grande mentor. Depois do meu treino de juniores, o Francisco Fidalgo dizia para treinar com os seniores imediatamente a seguir e lá ia eu.

Fazia isso com regularidade, mas nunca joguei. No ano seguinte, após a Académica ter sido campeã, surgiram problemas financeiros graves, o que levou muitos jogadores que estiveram na base da equipa campeã, a saírem.

Como é que a equipa deu a volta?

A equipa desfez-se um pouco, o orçamento teve que ser drasticamente reduzido, e naquela época, o professor Carlos Prata e o professor Francisco Fidalgo, deixaram a estrutura da Académica, deixando um vazio tanto na formação quanto na equipa principal.

Enfrentámos enormes dificuldades financeiras porque acho que foi feita uma aposta elevada para ser campeão. O António Iglésias apa-

rece como um dos responsáveis pelo rejuvenescimento do clube, pois foi ele quem assumiu parte das questões financeiras e todas as ajudas que o Estado poderia fornecer para tentar reparar o que fosse preciso.

Foi um ano difícil, mas desportivamente foi bom para mim porque acabei por ficar na equipa principal depois de lutar muito contra atletas que já tinham mostrado que eram bons. Um central com 1,83m não é algo que se veja todos os dias, mas ainda consegui ficar lá por vários anos.

Quanto tempo ficou na Académica?

Só estive fora da Académica por dois anos. Saí na temporada de 98-99, depois de ter rejeitado convites em duas ocasiões. Naquela época, por questões internas de política do clube, houve um culpado por eu ter saído, uma pessoa que, por interesses pessoais, levou a que a Académica tomasse um rumo pior.

Na temporada de 98-99, fui para o Fiães, na 2.ª divisão, onde fiquei dois anos. Fomos campeões nacionais e subimos. Na época seguinte, acho que fomos a equipa masculina do clube com a melhor classificação, acabámos em quinto lugar no Campeonato Nacional e chegamos às meias-finais da Taça de Portugal. Foi algo importante.

Quando regressa?

No ano seguinte, como tinha casado há relativamente pouco tempo, e com a ideia de que iria ser pai, voltei, por proposta da Académica, a casa. O Fiães tinha subido e a Académica tinha descido, e decido jogar mais um ano, treinado pelo professor Carlos Simão.

Decido que esse é o meu último



Em casa, todos me apoiaram e deram-me as condições para fazer esta vida. Caso contrário era impossível, não teria conseguido sem a ajuda da minha cara-metade”

ano, porque faltava-me tempo em casa, estava a tornar-se demasiado pois também tinha um trabalho exigente. Conseguimos coroar o meu último ano como jogador sénior federado subindo novamente. Fui pai e passei muito tempo em casa, queria desfrutar uma nova vida, uma nova experiência. Queria estar presente, então parei de jogar e comecei gradualmente a abraçar a vida de treinador.

Teve a carreira que desejou?

Se me perguntarem se tive muitos títulos, não posso dizer que sim, tive alguns e gostava de ter mais. É claro que, quando estamos no desporto, queremos conquistar o máximo possível, especialmente quando estamos na 1.ª divisão.

Ainda assim, a carreira foi boa, foi muito gratificante, embora sempre desejemos mais. Acho que nunca há um atleta que diga esteja completamente satisfeito, mas isso não me tira o sono. Faz parte do crescimento e do que sou. As derrotas ajudaram-me a crescer, tanto quanto as

vitórias.

É importante aceitar o desporto como é e, principalmente, transmitir esses valores às camadas mais jovens, é isso que me atrai, transmitir esses valores. Não vale tudo para ganhar, a verdadeira vitória está no treino.

O que o move a treinar os mais jovens?

Há várias fases na formação de um atleta. Há a da inicialização, depois vem a formação do atleta, onde se trabalham os aspetos técnicos e pessoais. Depois chega a altura em que o atleta tem de mostrar se tem unhas para tocar guitarra, mas isso já é mais próximo de um júnior, de um sub-21, como existe agora. Até aos juvenis desvalorizo a parte da competição, apesar de ser importante, claro. Quando dizemos aos jovens que não é importante, olham para nós desconfiados.

Qualquer jovem quer ganhar, mas faz parte do crescimento do atleta perceber que vai também vai perder e tem que saber comportar-se e apreciar todos os momentos.

A formação é assim tão diferente do que era antigamente?

Sendo muito sincero, o que mais sinto falta, enquanto jogador, é o ambiente de balneário. Estas situações modernas, em que o atleta quase não passa no balneário, deixa marcas na união do grupo. Dando o meu exemplo, com os grupos que tenho, incentivo os pais a deixarem os atletas tomar banho no clube, para que haja conversa e uma amizade que cresça no balneário, porque também se trabalha ali e é um trabalho que o treinador só tem que incentivar.

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024



Obviamente, isso traz custos de banhos e de luz, mas traz mais benefícios, união de grupo, compromisso, e mais vantagens do que desvantagens, na minha opinião.

Com que idade é que se tornou treinador?

Se olharmos para a data que consta na minha licença de treinador, tenho poucos anos em relação aos que realmente sou. Aos 19 anos comecei a treinar minis, juntamente com outros atletas da Académica. Só me vi forçado a tirar o curso de treinador, quando me convidaram a treinar os infantis e, nesse caso, não podia estar no banco sem a devida licença.

Eu, o Bruno Lima, Hugo Iglésias, o Pedro Sá, infelizmente já falecido, e o Cristiano Tavares, tivemos a oportunidade de trabalhar com muitos jogadores promissores que deram os primeiros passos no vôlei connosco e, depois, foram levados para patamares mais altos por outros treinadores. São coisas que nos deixam de coração cheio.

Há treinadores que gostam de dizer que fizeram determinado atleta, mas não acredito nisso. O atleta faz-se a si próprio. Se trabalhar e tiver condições, vai conseguir. Claro que há vários fatores envolvidos, físicos e até equilíbrio em casa, mas desde que muitas das condições sejam propícias ao êxito, não é o treinador que faz o atleta.

Tive o privilégio de ensinar alguma coisa a muitos miúdos que agora são atletas.

Alguns com mais nome, outros menos, e alguns que em breve se destacarão.

Quanto tempo é que fica como treinador AA Espinho?

Até meados de 2020. Acabei por sair por motivos pessoais. Na época, o meu filho tinha 19 anos, estava a terminar a época como júnior e a minha filha tinha 14 anos. Foi um período de luto familiar, não tinha tempo para estar em família e acompanhar devidamente os meus filhos, principalmente a minha filha.



Hélder Marçal fez parte do único plantel da Académica a ser campeão nacional.



Há treinadores que gostam de dizer que fizeram determinado atleta, mas não acredito nisso. O atleta faz-se a si próprio"

Ambos foram atletas de voleibol da Académica. A minha filha via-me como treinador e tive o gosto de vê-la a ser campeã como mini A, quando o treinador era eu. Venho para casa porque estava cansado, tive várias situações que me levaram a perceber que precisava de parar um pouco, repensar prioridades. Senti que estava a falhar

com a minha esposa, que sempre me apoiou, e que merecia mais tempo livre, pois sempre se sacrificou. Sem ela, seria impossível ter levado a vida que levei. Claro que ajudava em casa, mas nem sempre estávamos presentes. Ser treinador é muito bonito, mas é duro.

Era uma rotina de sair de casa de manhã, voltar só para jantar e no dia seguinte sair novamente cedo e voltar só para jantar, com jornadas duplas, torneios de minis, treinos aos sábados de manhã. Tudo isso começa a pesar, para além da minha vida profissional, que era normal, como qualquer outra pessoa. Em casa, todos me apoiaram e deram-me as condições para fazer esta vida. Caso contrário era impossível, não teria conseguido sem a ajuda da minha cara-metade.

Como foi essa conquista com a sua filha?

Traz um gosto especial, é óbvio,

orientar a minha filha, no ano em que eu e o professor Francisco Fidalgo tivemos uma conversa. Já andávamos com vontade de o fazer e foi naquele ano em que dissemos que estávamos fartos de mandar atletas femininas embora e criámos uma equipa de base.

Entra num momento de pausa...

Estive quatro épocas fora do voleibol por opção minha. Neste momento, o meu filho já concluiu os estudos e está a trabalhar. A minha filha está a terminar o secundário com excelentes notas e vai continuar os estudos, mas passa muito tempo fora de casa. A minha esposa também trabalha, sem horários fixos, o que me deixa muitas vezes em casa sozinho. Por isso, este ano, decidi desligar-me profissionalmente da minha entidade empregadora. Estou a voltar a estudar e tenho mais tempo livre.

Porque é que decidiu aceitar o

convite do rival de sempre, o SC Espinho?

Houve, nos primeiros dois anos em que estive ausente, vários clubes que tentaram contactar-me para ver se estava interessado. Disse sempre que não e que, se voltasse, era para o meu clube de sempre. Passados esses dois anos, claro, pararam de perguntar, não estava à espera de que todos os anos me ligassem.

Houve um clube que, por acaso, em março do ano passado, entrou em contacto comigo para saber se em setembro, quando começou a nova época, estaria interessado em abraçar um projeto. Na altura, ainda estava empregado, e disse que não tinha tempo, não estava a pensar nisso.

Se tivesse sido alguns meses mais tarde, talvez tivesse aceitado e foi o que aconteceu com o primeiro telefonema, quando a época já estava em andamento.

O primeiro contacto foi com o Afonso Pedrosa, diretor do voleibol do SC Espinho, que me explicou que estavam sem treinador em dois escalões. Disse que esta era uma decisão que teria de tomar em família. Prometi-lhe que ligaria em breve, dado que é importante para o clube ter um treinador e, se dissesse que não, teriam de procurar outra solução. Pedi um ou dois dias para decidir, liguei no dia seguinte.

Trouxe a situação para casa e a minha esposa disse que sim, que devia aceitar até porque estava numa situação em que tinha tempo livre. Tinha de me ocupar porque estar sozinho não é bom e abracei com alegria o regresso ao voleibol. Podem dizer o que quiserem, e perguntar porque não contactei a Académica. Sou sincero, a época já tinha começado, se não me tinham contactado antes, era sinal de que já estava toda a gente servida.

Em casa, até os meus filhos se metiam comigo. O filho brincava a dizer que não queria falar comigo e a filha a dizer que queria voltar ao voleibol só para ganhar ao pai. •

Einhell

10%

DESCONTO
EXTRA*

*sob o preço de outlet
mediante a apresentação do voucher
Defesa de Espinho
Válido até 31/07/2024

**GRANDES OPORTUNIDADES
A PREÇO OUTLET!**

EM TODA A GAMA EINHELL e KWB.



Aberto todos os dias úteis das 09:00 às 12:00H
Rua da Aldeia 225 Arcozelo - Vila Nova de Gaia

LOJA OUTLET

EINHELL PORTUGAL

Einhell



Defesa-Ataque



A Juventude da Estrada derrotou a AD Guetim no último jogo da fase de grupos da Taça Associação

©AFPERICARDO GANZON

Taça Associação desperta apetite para o regresso do campeonato

FUTEBOL POPULAR. A Juventude da Estrada (Grupo A), Rio Largo (Grupo B), Leões Bairristas (Grupo C) e o Novasemente GD (Grupo D), passaram às meias-finais da Taça Associação. Na última jornada da prova, que decorreu no fim de semana, a surpresa veio do Grupo D, com o apuramento dos antenses.

MANUEL PROENÇA/
GONÇALO RIBEIRO

Com o apuramento assegurado, a Juventude da Estrada derrotou a AD Guetim, por 3-0, assim como o Rio Largo e os Leões Bairristas que venceram, respetivamente, o Cruzeiro de Silvalde (1-5) e os Estrelas Vermelhas (7-0). O Novasemente GD apenas assegurou a passagem na derradeira jornada ao vencer, surpreendentemente, o Estrelas da Ponte de Anta com uma goleada por 2-15, ficando em vantagem relativamente à Quinta de Paramos que foi derrotada pelo Bairro da Ponte de Anta por 0-2. A equipa de Anta ficou com a vantagem da diferença entre os golos marcados e sofridos (15), contra os 11 da Quinta de Paramos.

No próximo fim de semana

[27 e 28 de abril] regressa o campeonato da Associação de Futebol Popular do Concelho de Espinho (AFPCE), com alguns jogos muito interessantes na principal divisão e, também, no escalão secundário.

A Juventude da Estrada, depois de ter garantido a passagem às meias-finais da Taça Associação, vai jogar com os Leões Bairristas para o campeonato.

João Mendes, treinador dos paramenses não esconde que a sua equipa está motivada e que o apuramento na Taça Associação era expectável pois encontravam-se “numa situação favorável” e os seus jogadores “não facilitaram vencendo a AD Guetim”.

“Estamos felizes porque é a primeira vez que vamos disputar uma meia-final de uma

taça”, salienta o técnico da Juventude que assume que, “a partir de agora, o objetivo será o de ganharmos todos os jogos e o troféu”.

João Mendes recorda que há dois anos a sua equipa estava na 2.ª Divisão e como manteve o plantel e a equipa técnica, “houve a preocupação de melhorar”.

No campeonato a Juventude não começou da melhor maneira o percurso na estrada, perdendo três jogos. No entanto, atualmente a performance é outra e no sábado irão defrontar os Leões Bairristas que foram os únicos que os venceram. “Entre vitórias e empates lá fomos subindo, com a equipa a fazer um campeonato muito agradável”, destaca o técnico do conjunto de Paramos.

O segredo, segundo João Mendes está no facto de “os jogadores se conhecerem muito bem. Temos um grupo muito interessante e a base passa por jogadores que já conhecia do tempo em que trabalhei na formação do SC Espinho e no SC Esmoriz. Criámos um grupo muito interessante e andamos juntos nesta caminhada há quase quatro anos”, explica o treinador.

“A equipa está sempre mo-

tivada para o jogo seguinte”, garante o técnico, acrescentando que os jogadores “estão sempre ansiosos que chegue o próximo desafio”. ●

1.ª DIVISÃO

Leões Bairristas-Juventude da Estrada, sábado, às 15h00, na Seara;

Rio Largo-Quinta de Paramos, sábado, às 15h00, no Complexo de Paramos;

Império de Anta-Cruzeiro de Silvalde, sábado, às 15h00, em Cassufas;

Cantinho da Ramboia-Magos de Anta, sábado, às 18h00, em Paramos;

Águias de Paramos-Novasemente GD, domingo, às 10h00, em Paramos.

2.ª DIVISÃO

GD Idanha-Associação de Esmojães, sábado, às 15h00, na Idanha;

Bairro da Ponte de Anta-Desportivo da Ponte de Anta, sábado, às 18h00, em Cassufas;

Estrelas Vermelhas-Lomba de Paramos, sábado, às 18h00, na Seara;

Estrelas da Ponte de Anta-Morgados de Paramos, domingo, às 10h00, em Cassufas;

GD Outeiros-AD Guetim, domingo, às 10h00, na Seara.

Continua o enguicho

FUTEBOL. O SC Espinho teve a segunda derrota consecutiva, a quarta desde março, a contar para o Campeonato Sabseg. Os tigres foram a Esmoriz perder por 1-0 com os locais. Sem vencer há seis jornadas, ocupam agora o quinto lugar da tabela classificativa.

Um golo madrugador de Gabriel Ferreira, perante a passividade da defesa alvinegra, aos três minutos, ditou o desfecho de uma partida atípica. A perderem, os vareiros tomaram as rédeas do jogo, mas a equipa da Barrinha conseguiu fechar os caminhos.

O SC Espinho joga com o Alba, no próximo sábado [27 de abril], às 16h00, no Campo Joaquim Domingos Maia, em Nogueira da Regedoura.

O GD Ronda, a disputar a 1.ª Divisão distrital, perdeu, em casa, com o Argoncilhe, por 2-3. Paulo Leite marcou no primeiro minuto Vando Alves, aos 47 minutos fez o segundo golo depois de a sua equipa estar a perder por 1-3.

O próximo jogo, o penúltimo desta fase, é com o Carregosense, em casa do adversário, no domingo, às 16h00. ●

CAMPEONATO SABSEG



SC ESMORIZ



SC ESPINHO

1

0

JORNADA 29, 21/04/2024
Estádio da Barrinha, em Esmoriz

CARTÕES		SUBST.	AS EQUIPAS		SUBST.	CARTÕES	
V	A		A	V		A	V
			Paulinho	Bruno Silva			
			Vieira	Filipe Bastos			81
			Dinis	Duarte Soares			80
			Bernardes	Tomás Martins			57 41
		44	Fonseca	Vilas Boas			
		86	Rui Maia	João Ricardo ©			38
		7	Nieto	Ministro			
			© Farias	Denilson			
		81	Brenha	Diogo Martins			57
		75	Dani Silva	Ángelo Oliveira			80
		21	Gabi	Rafa Fonseca			49
			Pedro Alves	João Ferreira			
			Bruno Costa	Miguel Borges			
			Adilson	Pedras			80
		81	Rúben Martins	Dani			57
		81	Kiko	Duarte Santos			
		75	Michel	Rodrigo Dias			
		86	Tiago Sousa	Doumbia			57
			Meco	Sandro Semedo			80

ÁRBITRO: Eduardo Ribeiro (AF Aveiro) ÁRBITROS AUXILIARES: João Costa e Vítor Pinto AO INTERVALO: 1-0 MARCADORES: 1-0, por Gabriel Ferreira

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
1 U. Lamas	28	23	3	2	66-20	72
2 P. Brandão	29	18	5	6	47-30	59
3 RD Águeda	29	17	6	6	46-35	57
4 Ovarense	29	15	10	4	65-31	55
5 SC Espinho	29	16	6	7	48-22	54
6 Oliveira Bairro	29	14	9	6	45-31	51
7 ADC Lobão	28	13	6	9	40-28	45
8 Pampilhosa	29	9	10	10	32-38	37
9 Canedo FC	28	9	9	10	36-38	36
10 SC Esmoriz	29	7	11	11	37-45	32
11 SC Bustelo	29	8	6	15	30-41	30
12 Fiães SC	29	7	9	13	37-47	30
13 Juveforce	29	6	11	12	31-50	29
14 Alba	28	6	10	12	36-43	28
15 ESTARREJA	29	6	8	15	26-38	26
16 Fermentelos	29	6	7	16	30-45	25
17 FC Cesarense	27	6	6	15	29-51	24
18 UD Mansores	29	3	6	20	21-69	15

RESULTADOS

UD Mansores	0-0	RD Águeda
JuveForce	1-4	P. Brandão
Canedo FC	1-2	Estarreja
U. Lamas	2-1	Pampilhosa
SC Esmoriz	1-0	SC Espinho
FC Cesarense	2-1	ADC Lobão
Ovarense	2-2	Oliveira Bairro
Alba	1-1	Bustelo
Fiães SC	2-1	Fermentelos

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024

FUTSAL FEMININO

O objetivo será “marcar presença na final da Liga Feminina Placard”

O Novasemente GD/Cavalinho garantiu a passagem às meias-finais dos play-offs da Liga Feminina Placard em futsal. O conjunto de Anta vai jogar, na sexta-feira [26 de abril] com o GCR Nun'Álvares e discutir numa eliminatória à melhor de três, a presença na final para a disputa do título.



MANUEL PROENÇA

O primeiro jogo das meias-finais do play-off da Ligab Placard feminina de futsal será realizado na sexta-feira [26 de abril], às 21h00 na Nave Desportiva Municipal de Espinho, devido à realização do Campeonato Nacional de Pole & Aerial Sports que vai ocupar o pavilhão Municipal Napoleão Guerra, em Cassufas, no sábado e no domingo. Face aos bons resultados, o otimismo é a palavra

de ordem no seio da equipa da Novasemente GD que só pensa em ultrapassar as adversárias do GCR Nun'Álvares, "independentemente do lugar onde se irá disputar o primeiro encontro", salienta a jogadora antense, Carolina Rocha (Carol), que foi a autora de um dos cinco golos da sua equipa ante o Sporting CP no derradeiro encontro do último play-off. A próxima etapa será a meia-final com o conjunto de Fafe de ordem no seio da equipa da Novasemente GD que só pensa em ultrapassar as adversárias do GCR Nun'Álvares, "independentemente do lugar onde se irá disputar o primeiro encontro", salienta a jogadora antense, Carolina Rocha (Carol), que foi a autora de um dos cinco golos da sua equipa ante o Sporting CP no derradeiro encontro do último play-off. A próxima etapa será a meia-final com o conjunto de Fafe

no segundo lugar da tabela classificativa.

"Estes jogos serão tão, ou mais complicados do que os anteriores com o Sporting CP", dá nota a jogadora, acrescentando que a equipa foi capaz de "dar uma boa resposta nestes três últimos jogos", provando que "a eliminatória até poderia ter sido resolvida bem mais cedo".

Carol garante que "todo este percurso é uma das maiores motivações" e que a equipa irá "tentar aproveitar o facto de poder disputar este primeiro encontro em casa".

"Vamo-nos focar nestes dois primeiros jogos e tentar resolver a eliminatória. Vamos encarar estas partidas com o máximo de concentração e com a união que tanto nos caracteriza", realça a jogadora que assegura que estão "bem preparadas para o que aí vem". "O nosso objetivo, embora passe por pensarmos jogo a jogo, será, certamente, marcar presença na final da Liga Feminina Placard", acrescenta.

Foco está na vitória

O foco do conjunto antense "está na vitória e em por em prática toda a competência", destaca Carolina Rocha que considera que "o GCR Nun'Álvares é uma equipa muito competitiva e que tem procurado reforçar-se nos últimos anos, tendo conseguido atingir objetivos extraordinários". "É uma equipa que tem tentado afirmar-se no futsal feminino, tendo conseguido criar a sua identidade na modalidade", elogia a jogadora recordando que o conjunto de Fafe as derrotou na Taça da Liga. "É uma equipa forte e ambiciosa, equiparada aquilo que é o Novasemente GD no que respeita ao empenho, trabalho e competências. Por isso, penso que os jogos serão renhidos e competitivos e que poderão ser decididos por pequenos pormenores. Serão jogos muito interessantes e imperdíveis", evidencia acrescentando que a sua equipa "está alinhada" e que as jogadoras estão "certas de que não poderia haver melhor preparação" do que até agora foi feita. "O nosso sucesso tem sido crescente e é fruto de um trabalho que tem sido contínuo e regular. Estamos num momento final e, por isso, estamos melhor preparadas do que nunca e

vamos procurar tirar o máximo de vantagem em relação a isto", afirma a ala.

Público tem sido a força extra

A presença do público adepto ao Novasemente GD tem sido notada pelas jogadoras e Carol diz mesmo que "tem sido a nossa força extra". "É completamente indispensável a presença dos nossos adeptos, pois temos tido uma massa adepta muito forte e muito presente, que tem torcido por nós do princípio ao fim", acrescenta a atleta, dizendo que "tem sido fundamental para o nosso desempenho e para os resultados que temos conseguido".

"Os adeptos têm-nos acompanhado para todo o lado e isso tem feito com que, nos momentos de maior aperto e de maiores dificuldades, nós tenhamos sido capazes de ser mais fortes e resilientes", destaca.

A jogadora do Novasemente

GD não se mostra muito preocupada com o facto de o jogo se realizar num local diferente ao que estão habituadas, nomeadamente na Nave Desportiva Municipal de Espinho.

"Não é isso que nos irá desconcentrar nem afastar dos nossos objetivos e do nosso foco", sublinha, não escondendo que o desejo seria o de "poder jogar no pavilhão Municipal Napoleão Guerra, que é a nossa casa".

"Se jogarmos noutra pavilhão o nosso objetivo será sempre o mesmo: a vitória. O facto de não podermos jogar em nossa casa terá de ser um aspeto irrelevante para nós", garante a jogadora.

"Teremos quatro linhas do campo e não interessa se o jogo é, ou não, em Espinho. Vamos focar-nos em vencer e em conseguir por em campo o nosso melhor desempenho", conclui. ●



Vamos encarar estas partidas com o máximo de concentração e com a união que tanto nos caracteriza"

CAROL, JOGADORA DO NOVASEMENTE GD



A PREVENÇÃO COMEÇA EM SI.

APROVEITE AS FÉRIAS PARA SE PROTEGER DOS INCÊNDIOS RURAIS.

Conheça as principais medidas de autoproteção e quais as boas práticas sobre o uso do fogo.

Aproveite as suas férias no nosso país para estar mais informado, preservar a sua história e cuidar dos seus terrenos.

CONTAMOS CONSIGO!

Informe-se pelo 808 200 520 / 211 389 320 (custo de chamada local) ou na sua Câmara Municipal.

Saiba mais em bupi.gov.pt, aldeiasseguras.pt ou em portugalchama.pt.

PORTUGAL CHAMA POR SI. POR TODOS.



© FRANCISCO AZEVEDO

Novasemente com a promoção garantida e o foco no título

FUTSAL. A equipa alcançou a subida à 1.ª divisão distrital depois de vencer o ACD Gião. Com dois jogos por disputar, a equipa de Anta ainda pode coroar uma época de sucesso com o título de campeão da 2.ª divisão distrital de Aveiro.

GONÇALO RIBEIRO

Foi com alguma folga que a equipa masculina de futsal do GD Novasemente conseguiu a promoção para a 1.ª divisão distrital de Aveiro. No dia 20 de abril, sábado, a equipa treinada por Miguel Pinho sabia que bastava um ponto para garantir a subida, mas acabou por vencer o desafio no terreno do ACD Gião, por uns expressivos 4-5.

Carlos Filipe (2' e 24'), Gabriel Oliveira (2'), Pedro Laranjeira (17') e Bruno Rodrigues, na própria baliza (23'), fizeram os golos que confirmaram a festa. Além de garantir a promoção, o resultado permitiu à equipa continuar na liderança da tabela classificativa, com mais um ponto que o Águeda.

Em reação à partida, o técnico Miguel Pinho explicou que "foi difícil" pela qualidade do adversário, algo que era esperado. O treinador revela que dadas as circunstâncias do jogo, a equipa sentiu "alguma ansiedade", algo que não sucedeu com o adversário, por se encontrar fora da corrida. Mesmo assim, o timoneiro considera que, de uma forma geral, a equipa "esteve no controlo do jogo e venceu justamente".

"Encaro esta subida de forma

natural, porque corremos o risco de ter assumido que este era o nosso objetivo desde o início. Sabíamos que podíamos trazer alguma ansiedade aos atletas, mas acreditava no trabalho e na equipa", admitiu. Em todo o caso, Miguel quer que "a festa termine rápido", porque ainda há trabalho para fazer. "O plantel e a equipa técnica querem mais e isso passa por sermos campeões", indicou.

Plantel sempre unido

A época tem sido longa, mas o treinador não acredita que a equipa tenha, em algum momento da temporada, cedido à pressão. Na opinião de Miguel, o principal obstáculo que o Novasemente teve de enfrentar foi um período em que alguns jogadores estiveram lesionados ao mesmo tempo. "Senti que o plantel poderia estar desconfiado sobre a sua capacidade em responder a esta adversidade, mas depois de alguns jogos, perceberam que podiam continuar a ganhar. Há males que chegam por bem e ganhei mais jogadores com esta situação", admitiu Miguel, concluindo que, no fundo, "o plantel nunca duvidou que seria capaz de conseguir o objetivo".

O treinador acredita que a subida também se deve à qualidade do plantel, que considera ser "um dos melhores da divisão". Miguel admite que havia outras equipas que poderiam fazer frente, pela qualidade dos jogadores, mas que "não foram tão consistentes". "Uma das vantagens deste grupo é a vontade de se preparar sempre maior do que a de vencer. Ganhar todos querem, falta saber o que estão dispostos a fazer para lá chegar. Este grupo mostrou que estava disposto a tudo", exaltou.

Entre os jogadores que fizeram parte do plantel recém-promovido está Dércio. O experiente atleta revela que a equipa está "muito contente, como seria de esperar". "Já estamos nesta luta há três épocas, mas, por uma razão ou outra, só foi possível agora. Conseguimos graças a um trabalho de vários setores do clube. Os jogadores são os principais responsáveis, mas a equipa técnica também tem uma grande preponderância, tal como a direção", referiu o jogador.

Nas duas últimas partidas do campeonato, o Novasemente irá receber o Clube de Albergaria e visitar o Águeda. ●

BREVES

ATLETISMO

Ricardo Pereira e EV-Peraltafil venceram em Pedroso

A equipa Estrelas Vermelhas - Peraltafil venceu a edição de 2024 da prova de atletismo de estrada Petrus Run que se realizou no passado dia 21, em Pedroso, Vila Nova de Gaia. Ricardo Pereira alcançou a medalha de ouro.

Contribuíram para os resultados do clube de Silvalde os atletas Ricardo Pereira, vencedor absoluto, que completou os 10 quilómetros da prova com o tempo de 31m16s, Vítor Santos que alcançou o sétimo lugar na classificação geral com o tempo de 33m46s, sendo o primeiro na categoria veterano M45 e Pedro Magalhães que cortou a meta com o tempo de 34m44s, completando a prova no oitavo lugar da geral, sendo o quinto na categoria sénior masculino.

No setor feminino é de destacar o quinto lugar obtido por Cristiana Santos, do Sporting Clube de Espinho/António Leitão no escalão sénior feminino (82.º na geral), com o tempo de 44m17s. ●

HÓQUEI EM PATINS

Jogo com a Oliveirense no dia 30

A equipa de hóquei em patins da Associação Académica de Espinho vai jogar com a Oliveirense B na próxima terça-feira [30 de abril], em partida a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão Norte.

O encontro será às 21h30, no pavilhão da Oliveirense, em Oliveira de Azeméis. ●

VOLEIBOL

Mochos venceram Leixões

A equipa de voleibol da Associação Académica de Espinho venceu o Leixões SC no primeiro jogo do play-off para a atribuição do terceiro e quarto lugar na Elite da Liga Una Seguros. Os académicos estiveram irrepreensíveis e bateram os matosinhenses pela margem máxima (25-20, 25-21 e 25-23), colocando-se em vantagem na eliminatória.

Os mochos deverão ter jogado, já depois do fecho da edição, com o Leixões SC, em casa do adversário. No caso de derrota da equipa de Espinho, está agendado para sábado o terceiro encontro, às 18h00, no pavilhão Ilídio Ramos, no Centro de Congressos, em Matosinhos. ●

NATAÇÃO

Tigres garantem a manutenção na 1.ª Divisão

O Sporting Clube de Espinho ficou em quarto lugar no Campeonato Regional de Clubes, que decorreu nos dias 20 e 21 de abril nas Piscinas Municipais de Estarreja.

De destacar as prestações de Rodrigo Rodrigues que na categoria júnior conseguiu alcançar três primeiros lugares (em 100m livres e 100 e 200m costas) e um segundo lugar em 200m estilos.

Guilherme Pinto, com um primeiro lugar nos 200m mariposa e um terceiro em 400m livres (este último, um recorde do clube) foi também decisivo no feito alcançado.

Rodrigo Rocha, em seniores, obteve o segundo lugar nos 100m bruços. Já o juvenil A Francisco Santos, obteve o segundo lugar nos 100m mariposa. De realçar, que foram quebrados 15 recordes pessoais. ●

Masters sobem nove vezes ao pódio

Realizou-se, no dia 20 deste mês, o XIX Torneio das Caldas da Rainha Masters. Os espinhenses venceram cinco provas e obtiveram quatro bronzes.

António Canelas em escalão J venceu todas as provas em que participou (50m livres, 50m mariposa, 100m bruços e 100m livres).

Já Yolanda Rienderhoff obteve um primeiro lugar nos 100m costas, o terceiro lugar em 100m bruços e um quarto lugar nos 50m livres, isto no escalão E.

Por duas vezes, Fábio Floriano (escalão H) ficou no último lugar do pódio. A que acrescentou um quarto lugar nos 100m livres e um sétimo nos 50m livres.

No escalão G, Américo Moreira conseguiu um terceiro lugar nos 100m costas, a que se juntou um sexto lugar nos 50m livres. ●

Torneio Cidade de Espinho no fim de semana

O SC Espinho vai realizar no sábado e no domingo [27 e 28 de abril], o XX Torneio Cidade de Espinho em natação.

A prova será destinada ao escalão de cadetes e decorrerá na Piscina Municipal de Espinho no sábado, a partir das 15h30 e no domingo, a partir das 9h30. ●



Lisboa: O passado, o presente e o futuro para conhecer numa única cidade



Mais conhecida pela capitalidade, Lisboa é uma cidade que desperta amores e ódios. Mas é, acima de tudo, um local repleto de histórias, pessoas e património. Aproveite o feriado de abril e estenda-se a sua estadia por mais um dia.

NUNO PIMENTA

A não ser que considere que a opção pelo transporte individual faça mais sentido (seja por conveniência ou por gosto pessoal), o transporte público aparece com uma solução bastante interessante. Desde logo, pelo facto de existirem várias ligações por comboio entre Espinho e Lisboa (por Alfa ou Intercidades). Também a vasta rede na região da Grande Lisboa se revela como uma mais valia. De destacar a esse nível, a possibilidade de ser adquirido o cartão Lisboa Card, que proporciona a possibilidade de serem utilizados gratuitamente os serviços da Carris, Metro de Lisboa, CP Suburbanos de Lisboa (linha de Sintra e Cascais) por 24, 48 ou 72 horas, para além de vantagens no acesso a várias instituições. Nalguns museus são mesmo permitidas entradas livres.

dia 1 FAZEMOS-LHE a proposta de iniciar a viagem para Lisboa (dia 25) a bordo do comboio Intercidades que parte de Espinho às 8h57 e com chegada prevista para as 12h00. Relaxe e usufrua da paisagem. Chegado à capital, almoce no Restaurante Impulso, situado na parte do edifício da Estação de Santa Apolónia que alberga o The Editory Riverside Hotel, um local também válido como escolha para pernoitar. Para além da conveniência, tem um elemento de charme e de história que apreciará. Aproveitando o facto de estar em Lisboa no feriado da Revolução, conheça alguns dos locais onde se desenrolaram as operações militares,



como o Terreiro do Paço, o Cais das Colunas ou a Praça do Rossio. Dirija-se ao Quartel do Carmo, agora, também, espaço museológico, e assista à exposição A GNR no 25 de Abril. Se puder, faça a visita guiada. Aconselhamos depois um tour guiado pela cidade. Dependendo do valor que estará disposto a despendar ou do conhecimento de já tiver da região, decida por uma opção mais personalizada ou generalista. Em qualquer dos casos, poderá usufruir de uma vista geral de Lisboa, e decidir quais os lugares que pretende conhecer de uma forma mais pormenorizada. Finda a visita guiada, dirija-se à Praça do Martim Moniz e viaje no mítico eléctrico 28 até Campo de Ourique (passa por alguns dos locais mais tradicionais da cidade). Depois vá até ao Bairro Alto. Aproveite para jantar no Restaurante Típico A Severa onde poder ter contacto com a cultura do Fado, uma tradição alfacinha.

dia 2 NO DIA 26, Sintra está mesmo ali ao lado e, por isso, aconselhamos uma visita. Dirija-se à estação do Rossio e em embarque no comboio

em direção à vila. Comece por conhecer o Palácio Nacional de Sintra (exemplo único no que concerne aos paços reais medievais) e aproveite para depois deambular pelo centro. Vale a pena perder-se nas ruas estreitas, usufruindo da beleza natural e edificada. Ao almoço, vá à Tascantiga onde poderá experimentar tapas e petiscos portugueses, sensações gastronómicas que lhe darão força para a tarde. E como não podia deixar de ser, não pode deixar de ir ao Palácio da Pena. Arquitetura com influências manuelinas e mouriscas e um parque com características românticas, o conjunto remete-nos para um exotismo, muito próximo do sonho. Regresse de comboio até à Estação do Rossio. Próximo tem o restaurante Solar 31, onde pode saciar a fome, comendo um bom peixe fresco.

dia 3 TENDO COMO referência os 50 anos do 25 de Abril, faça a visita guiada do Museu de Lisboa-Teatro Romano, O Povo está na Rua. Praças e Paços das Revoluções, revisitando os palcos revolucionários de 1385 a 1974. Outra possibilidade interessante

é conhecer o Museu do Aljube-Resistência e Liberdade, que dá a conhecer as memórias do período situado entre 1926 e 1974 em Portugal. Com um almoço na restaurante Casa Tradição irá recuperar forças para a próxima etapa que é conhecer a zona de Belém. Aí, terá contato com vários monumentos e locais de interesse que poderá visitar ou reveritar. Mas primeiro passe pela Casa dos Pasteis de Nata. O Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, O Palácio de Belém, O CCB ou o MAAT são os locais mais emblemáticos. A nossa sugestão passa por visitar estes últimos dois. Poderá ter assim contato com a arte e o pensamento contemporâneo. Para jantar aproveite o Maat Café e Kitchen, onde, para além de boa comida, usufruirá de uma belíssima vista para o Tejo.

dia 4 NO ÚLTIMO DIA (28 de abril) visite o Oceanário. Aproveite para conhecer a fauna e a flora dos oceanos e, tudo isto, numa referência arquitetónica mundial, neste tipo de equipamento. E já que está no Parque das Nações,

aproveite para almoçar no restaurante Quanjude, especializado na cozinha da região de Sichuan, na China. E isto, também é Lisboa. Cosmopolitismo e sofisticação, mas sem perder o toque da tradição e da autenticidade das suas gentes. Regresse no comboio Intercidades que parte de Santa Apolónia às 17h30 e com chegada prevista às 20h31 a Espinho. ●



Quartel do Carmo

Lugar emblemático, onde se deu a rendição do então presidente do conselho, Marcelo Caetano. A conhecer para quem quer ter contacto com a nossa história recente.

Palácio da Pena

Um local a não perder. Onde as influências manuelinas e mouriscas se cruzam criando um devaneio onírico.

MAAT

Local de reflexão sobre a contemporaneidade, mesmo junto ao Tejo. Um museu para descobrir a arte, a arquitetura e a tecnologia.

Oceanário

Venha descobrir o oceano, a sua fauna e flora. Num equipamento que é uma referência mundial. Aproveite também para conhecer o Parque das Nações.



agenda

ATÉ 27 ABR

Exposição: Liberdade – 50 anos, 50 mulheres, 50 dias
FACE – Fórum de Arte e Cultura de Espinho

50 Exposição coletiva de 50 mulheres em diversas áreas como a pintura, escultura, o desenho ou a fotografia. Alzira Relvas, Inês Sousa Cardoso, Paula Bacelar, Ana del Rio ou Ana Pais Oliveira são apenas algumas das artistas convidadas que vão expor.

27 ABR

Abril pelas Bandas Filarmónicas do Concelho
Ruas da cidade
Horário: 15h30

50 Participação da Banda de Música de Espinho, da Tuna Musical de Anta da Banda Musical S. Tiago de Silvalde e Banda União Musical Paramense.

27 ABR

Canção da Liberdade com Irene Vieira e momento de poesia
Salão da Banda União Musical Paramense
Horário: 21h

50 Momento está inserido nas comemorações dos 50 anos do 25 de abril, organizado pela Junta de Freguesia de Paramos e vai ainda contar com um encontro de coros, nomeadamente com o Grupo Coral de Tavira, o Grupo Coral de Cabeceiras de Basto, o Coro de Pais da Escola Joaquim Guimarães e o Coro de Nossa Senhora da Esperança de Sandim.

27 ABR

Mindfulness e meditação criativa para crianças
Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva
Horário: 10h15
Participação gratuita
Inscrição obrigatória
Iniciativa promovida pela professora Margarete Gomes e que “tem como objetivo permitir estar no momento presente e aprender a evitar julgamentos, críticas e o processo de aceitação. As técnicas de meditação criativa irão permitir melhorar a concentração e foco, a respiração, a exploração dos sentidos e emoções, o silêncio e contemplação interior, usar a imaginação como força impulsionadora e praticar afirmações positivas”.

27 ABR

Mindfulness e meditação criativa para jovens e adultos
Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva



26 E 30 ABR

CANÇÕES DE LIBERDADE



Orquestra de Jazz de Espinho
JP Simões voz, Marta Ren voz
Eduardo Cardinho e Paulo Perfeito direção musical
Auditório de Espinho – Academia
Horário: 21h30 - Bilhete normal: 8€

Sob inspiração da Revolução dos Cravos e do cinquentenário que dela se celebra em 2024, a Orquestra de Jazz de Espinho apresenta mais um ambicioso projeto, lançando o repto a oito compositores para criar obras inéditas sobre canções icónicas que, à volta do globo, materializaram o protesto, a luta pela liberdade, a defesa dos direitos humanos, da justiça e dos mais elementares princípios da dignidade humana.

Horário: 11h

Participação gratuita

Inscrição obrigatória
Iniciativa promovida pela professora Margarete Gomes e que “tem como objetivo permitir estar no momento presente e aprender a evitar julgamentos, críticas e o processo de aceitação. As técnicas de meditação criativa irão permitir melhorar a concentração e foco, a respiração, a exploração dos sentidos e emoções, o silêncio e contemplação interior, usar a imaginação como força impulsionadora e praticar afirmações positivas”.

27 ABR

Cinema: Primeira Obra
FEST - Cineclube de Espinho
Auditório Centro Multimeios de Espinho

Horário: 21h, Entrada livre
Realizador: Rui Simões
Jovem investigador luso-descendente, Michel chega de câmara na mão para pesquisar a Revolução por cumprir. Traçando paralelismos com a contemporaneidade, mapeia as formas em que o filme Bom povo português reflete o país inserido na Europa.

ATÉ 28 ABR

Exposição: A Verdade Dói
Centro Multimeios de Espinho

28 pares de sapatos de mulheres vítimas de violência doméstica e de género estão expostos e são acompanhados pelos vários testemunhos que relatam cada história em particular. A exposição que é também uma instalação “dá voz a inúmeras mulheres que viram as suas vidas destroçadas por atos de violência”, recordando que “a violência contra as mulheres é uma das mais transversais à história e sociedades do mundo, atravessando classes sociais e idades”.

1 MAI

The Comedy Club:
Espetáculo JEL
Casino Espinho
Horário: 22h
Espetáculo de comédia

4 MAI

Cinema: Folhas Caídas
FEST - Cineclube de Espinho
Auditório Centro Multimeios de Espinho

Horário: 21h, Entrada livre
Realizadora: Aki Kaurismäki
“Ansa e Holappa (Alma Pöysti e Jussi Vatanen, respectivamente) são duas pessoas solitárias que, certa noite, se conhecem em

Helsínquia (Finlândia). Apesar da timidez de ambos, surge entre eles uma química tão forte que decidem combinar um próximo encontro. Mas as coisas complicam-se quando, devido a uma série de equívocos, perdem o rasto um do outro”

8 MAI

The Comedy Club:
Espetáculo Fernando Rocha
Casino Espinho
Horário: 22h
Espetáculo de comédia

9 MAI

Cinema: Sessões curtas Cinanima
FEST - Cineclube de Espinho
Auditório Centro Multimeios de Espinho

Horário: 10h
Entrada livre
“Dia 9 de Maio é o Dia da Europa, e nesse sentido o FEST e o Cinanima conjugaram esforços para elaborar uma programação especial para diferentes públicos, e que tem como intuito mostrar algum do melhor cinema europeu. Enquanto o FEST apresentará uma das melhores longas-metragens europeias do momento, o Cinanima elaborou uma seleção de várias curtas infantis a pensar nos mais novos. Este programa especial de curtas-metragens de animação promete fazer furor”

9 MAI

Cinema: A Sala de Professores
FEST - Cineclube de Espinho
Auditório Centro Multimeios de Espinho

Horário: 21h
Entrada livre
Realizadora: Ilker Çatak
“Carla Nowak é uma professora dedicada que inicia o seu primeiro emprego numa escola secundária. Destaca-se dos outros docentes graças ao seu idealismo. Quando há uma série de roubos na escola

e se suspeita de um dos seus alunos, ela decide investigar o caso. Carla tenta mediar entre pais indignados, colegas obstinados e alunos agressivos, mas vê-se implacavelmente confrontada com as estruturas do sistema escolar”

10 MAI

Concerto Orquestra Clássica de Espinho e Jovens Solistas da EPME

Auditório de Espinho - Academia
Horário: 21h30

Bilhete normal: 8€
Os jovens intérpretes vencedores do Concurso de Solistas da Escola Profissional de Música de Espinho apresentam-se com orquestra.

12 MAI

Cinema: Cartas da Guerra
FEST - Cineclube de Espinho
Auditório Centro Multimeios de Espinho

Horário: 16H
Entrada livre
Realizador: Ivo M. Ferreira
“1971. António vê a sua vida brutalmente interrompida quando é incorporado no exército português, para servir como médico numa das piores zonas da guerra colonial, o Leste de Angola. Longe de tudo o que ama, escreve cartas à mulher à medida que se afunda num cenário de crescente violência. Enquanto percorre diversos aquartelamentos, apaixona-se por África e amadurece politicamente. A seu lado, uma geração desespera pelo regresso. Na incerteza dos acontecimentos de guerra, apenas as cartas o podem fazer sobreviver”.

ATÉ 31 MAI

Exposição Liberdade e(m) Poesia
Museu Municipal de Espinho

50 A comunidade educativa das escolas públicas do concelho de Espinho foi convidada a participar na exposição Liberdade e(m) Poesia, promovida pela Divisão de Educação e Cultura da CME. O desafio consistiu em criar um trabalho artístico para participar neste projeto coletivo, que pretende celebrar a magia da imaginação associada aos 250 anos do concelho de Espinho, aos 50 anos do 25 de Abril de 1974 e à celebração da vida e obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. Os alunos podem participar com um desenho, pintura ou outro tipo de trabalho artístico”

ATÉ JUL

Lusitânia – The Show
Casino Espinho
Todas as sextas e sábados
Depois do sucesso com Bohème - The Show, em 2022, e com Fuego - The Show, no ano passado, Ricardo Sousa e Paula Loureiro, bailarinos e responsáveis pelo espetáculo, regressam agora com um novo trabalho. Com 16 profissionais em palco, o projeto procura “trazer um bocadinho mais de Portugal”, já que os anteriores espelhavam maioritariamente os ritmos latinos. ●

OFF.

25 DE
ABRIL
• 1974 - 2024

Reportório especial para assinalar aniversário na Igreja Matriz

Para celebrar os 185 anos, a **BANDA DE MÚSICA DA CIDADE DE ESPINHO** escolheu a recém requalificada Igreja Matriz de Espinho e, para a ocasião, preparou um reportório pensado ao pormenor.

LISANDRA VALQUARESMA

A **BANDA** de Música da Cidade de Espinho completa este mês 185 anos e decidiu assinalar o aniversário com um concerto comemorativo na Igreja Matriz de Espinho. Por não haver uma data específica sobre o início, “estipulou-se que o momento é assinalado sempre no último fim de semana de abril”, explica o presidente Pedro Santos. A data é, por norma, comemorada com um concerto no Centro Multimeios, mas, desta vez, o palco escolhido foi diferente. “Foi uma ideia que surgiu entre a direção e o maestro, pois quisemos juntar o nosso aniversário com a reabertura da igreja. O padre Artur aceitou, acolheu bem a ideia e decidimos avançar”, revela, acreditando que como coletividade não poderia ser de outra forma.

Por ser realizado em contexto religioso, o reportório teve que ser pensado e adequado ao local. Segundo Hélder Tavares, maestro da banda desde 2005, o programa foi estruturado para marcar o aniversário, a reabertura da igreja espinhense e ainda o tempo da Páscoa. “Claro que o programa tinha que ser adequado e não podíamos fazer aquilo que a banda está mais identificada em fazer, embora também tenhamos tentado desmistificar a ideia que as pessoas têm de que a banda é só para fazer as festas e as romarias”, diz o maestro, reforçando que “felizmente nos últimos anos, o panorama das bandas tem mudado”, fazendo com que “as pessoas já não vejam a Banda de Música da Cidade de Espinho como a que anda na rua a tocar, que anda a acompanhar as procissões, ou que está a tocar



© ISABEL FAUSTINO

60

músicos integram a banda e são, sobretudo, jovens

para entreter as pessoas no arraial”. Para o concerto do passado domingo, Hélder Tavares escolheu “obras com simbolismo e um caminho”. O primeiro tema, escrito pelo compositor Bruckner, foi selecionado por ter sido escrito “propositadamente para os 100 anos da diocese de Linz, na Áustria”, juntando-se ao facto de se assinalar este ano, “os 200 anos de nascimento do compositor”. No fundo, “uma homenagem a Bruckner que sempre esteve também muito ligado à Igreja”. À Defesa de Espinho, o maestro explicou ainda que outra das obras escolhidas é



© ISABEL FAUSTINO

A **BANDA DE MÚSICA** da Cidade de Espinho nasceu, no lugar da Vergada, na freguesia de Argoncilhe, por José Alves Neves. Inicialmente era apelidada de Banda do Soqueiro e só mais tarde, quando se estabeleceu em Espinho, adotou o nome atual

sofreram no século XVII no Japão”. Temas que, na globalidade, o maestro acredita fazerem a diferença junto do público. “Ninguém sai daqui igual, tenho a certeza”, defende.

Mais 185 anos

Atingida a marca dos 185 anos, Pedro Santos revela que o grande objetivo é simplesmente continuar. “Este é um projeto que fala por si só. A banda sempre esteve num patamar elevado, claro que houve períodos melhores e piores, mas sempre num patamar elevado. Atualmente, acho que vive um bom momento”, ressalva o presidente, desejando que venham, “pelo menos mais 185 anos”. Integrado na banda há muitos anos, Avelino Passos divide-se

entre o papel de músico e o cargo que ocupa também na direção. Conhecendo de perto a coletividade, não tem dúvidas quanto ao progresso que existe.

“Hoje em dia as gerações mais novas têm muita formação e são, sem dúvida, melhores músicos. Toca-se muito melhor hoje do que há 30 anos, por exemplo”, refere Avelino, defendendo que “a qualidade é mais evidente hoje”.

Com o aparecimento de outras bandas e coletividades, a Banda de Música da Cidade de Espinho teve que começar a dividir oportunidades. Para Avelino, a banda “pode ter hoje menos festas, mas faz hoje melhores desempenhos do que antes”, até porque “quantidade não é qualidade e essa realidade é muito evidente”. ●

Qualidade e conveniência, aos melhores preços.

SUPERMERCADO

Novo Oriente

RUA 31, N.º 914 ESPINHO ☎ 22 734 6230

COVIRAN



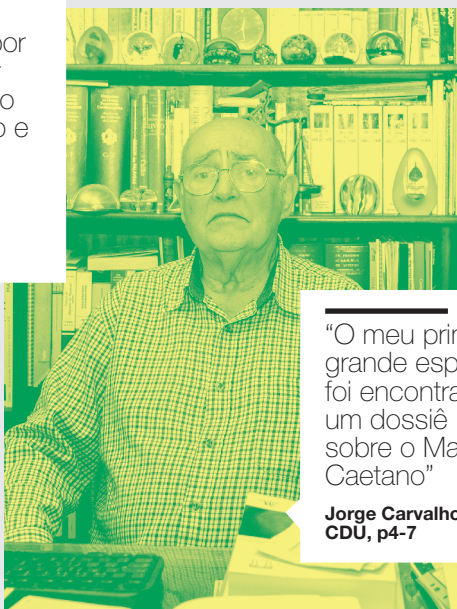
50

25 DE ABRIL
• 1974 - 2024



"Uma tia minha ligou-me a dizer que estava a haver uma revolução e, por isso, o melhor a fazer era ir ao supermercado e depois ficar por casa"

Manuela Aguiar,
ex-Secretária de Estado, p4-7



"O meu primeiro grande espanto foi encontrar um dossiê sobre o Marcelo Caetano"

Jorge Carvalho,
CDU, p4-7



"Estou eternamente grato aos corajosos militares que planearam e venceram a revolução"

Ferreira de Campos,
advogado, p10 e 11

faladura

TEMPO ESPINHO:

QUI • 25		17° 12°
SEX • 26		16° 9°
SÁB • 27		16° 9°
DOM • 28		15° 8°
SEG • 29		16° 7°
TER • 30		16° 9°
QUA • 1		16° 10°
QUI • 2		17° 9°

Fonte: www.ipma.pt

OBRAS

Arranjo dos pilaretes está à espera de verbas do contrato interadministrativo

Os pilaretes que foram colocados há mais de dois anos na Praça do Mar, na rua 2, estão danificados e cobertos com ferrugem. A Junta de Freguesia de Espinho quer repará-los e apontava como o prazo provável o mês de março. A obra aguarda pelas verbas correspondentes ao contrato interadministrativo deste ano que ainda não chegaram.



© FRANCISCO ZENENDE

MANUEL PROENÇA

NA EDIÇÃO de 1 de fevereiro deste ano, o presidente da Junta de Freguesia de Espinho, Vasco Alves Ribeiro, previa que a substituição dos pilaretes na Praça do Mar fosse feita até março último. Uma obra que ficou por executar até ao momento, segundo o autarca, por ainda não ter sido assinado o contrato interadministrativo que prevê a atribuição de uma verba de 65 mil euros por parte do Município de Espinho, que irá ser utilizada "não só para a substituição dos pilaretes, como para a reparação dos bancos nas pérgulas na beira-mar, os suportes em ferro nas passadeiras da rua 2, a reparação dos ferros dos bancos na esplanada em frente ao Esquimó e a substituição do módulo de casa de banho para a Frente Azul", explica o presidente da Junta de Freguesia.

Segundo o autarca espinhense "já está tudo preparado para lançarmos as consultas prévias, uma vez que ainda só temos disponíveis os orçamentos", aguardando a aprovação e a assinatura do respetivo contrato interadministrativo com o Município de Espinho que deverá acontecer "ainda durante esta ou a próxima semana". No entanto, Vasco Alves Ribeiro pretende ter todas as obras prontas "antes do início da época balnear".

"A lei obriga-nos a cumprir

procedimentos que envolvem determinados períodos de tempo e, por isso, estamos dependentes de todos estes timings", salienta Vasco Ribeiro.

Recorde-se que na edição de 1 de fevereiro da Defesa de Espinho, o autarca espinhense imputou as culpas de os pilaretes estarem danificados "a uma empresa contratada pela E-Redes", que terão danificado o material durante uma instalação no local.

Também nessa edição, Vasco Alves Ribeiro dizia que esses pilaretes teriam de ser "raspados para depois levarem um tratamento antiferrugem e serem pintados".

Os pilaretes foram colocados na Praça do Mar há cerca de dois anos e o edil afirmava que não existiam "razões para que estejam no estado em que se encontram, se não tivessem sido danificadas". ●

65 MIL EUROS PARA REPARAÇÕES DIVERSAS

- Substituição dos pilaretes
- Reparação dos bancos nas pérgulas
- Correção corrimões em ferro nas passadeiras
- Reparação dos ferros nos bancos
- Substituição módulo WC Frente Azul

CULTURA



Sem Equívocos dedicado ao 25 de Abril

O ESCRITOR ESPINHENSE, Augusto Caneatas vai lançar, no sábado [27 de abril] a 29.ª edição da sua revista Sem Equívocos. A obra será apresentada na Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva, às 15h00.

Sob o tema 25 de Abril, a apresentação da nova edição cuja capa é da autoria de Luz Henriques, contará com a presença de ilustres figuras como o Prof. Doutor Paulo Moraes, os professores Maria do Carmo Renter, Maria do Céu e Laurinda Figueiras, o poeta ensaísta Tiago Alves Costa e Lurdes Vita. ●

Banda de Silvalde apresenta o espetáculo "Spark" no Multimeios

A BANDA MUSICAL S. Tiago de Silvalde (BMSTS) irá apresentar dia 11 de maio às 21h30, no Centro Multimeios de Espinho, o espetáculo "Spark", sob a batuta do maestro Filipe Fonseca.

Um novo programa vai ser apresentado no que se pretende ser o início de nova uma etapa na vida da instituição. Contando com a participação especial do coro BMSTS e a com a direção da maestrina Sílvia Dias espera-se uma experiência musical cheia de momentos únicos.

Esta iniciativa, de acordo com a instituição, "é o reflexo da transfiguração artística pretendida" para esta agremiação. ● NP